



Gustavo Augusto de Abreu Clevelares

como se fosse um romance,

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^ª. Marília Rothier Cardoso

Rio de Janeiro
Dezembro de 2015



Gustavo Augusto de Abreu Clevelares

como se fosse um romance,

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Marília Rothier Cardoso

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Rosana Kohl Bines

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Ana Cristina de Rezende Chiara

UERJ

Profa. Madalena Simões de Almeida Vaz Pinto

UERJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Gustavo Augusto de Abreu Clevelares

Escritor em experimentação. Nasceu em 1992, em Niterói, no Rio de Janeiro. Graduiu-se em Letras pela UERJ, na habilitação de Literaturas, em 2014. Obteve o grau de mestre em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio em 2015. Desde 2013, dedica-se ao ensino de Literatura na educação básica. Em 2016, dará início ao processo de doutoramento, pela UFF, pesquisando desejo e percurso de escrita artística.

Ficha catalográfica

Clevelares, Gustavo Augusto de Abreu

como se fosse um romance, / Gustavo Augusto de Abreu Clevelares ; orientadora: Marília Rothier Cardoso – 2015.

99 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Romance. 3. Metaficção. 4. Experiência artístico-literária. 5. Devir-escritor. 6. Pesquisa-intervenção. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para Marília Rothier Cardoso,
sem a qual esta ficção não teria saído do plano das ideias.

Agradecimentos

Escrever uma dissertação no formato de um romance teria sido uma empreitada muito mais árdua, talvez impraticável, se eu não pudesse contar com a generosidade de alguns companheiros. Por essa razão, é imprescindível que eu agradeça a todos que, de algum modo direto ou indireto, acompanharam meus passos durante a pulsão que me levou a experimentar uma escrita criativa.

À PUC-Rio e ao apoio institucional do CNPq, pela concessão da bolsa de estudos que me permitiu desenvolver este trabalho.

À bússola deste texto, Marília Rothier Cardoso, orientadora e amiga, por ter depositado energia, tempo e confiança no meu primeiro gesto de escrita artística.

À professora Rosana Kohl Bines, pela generosidade com a qual acompanhou a construção do romance desde que o projeto era apenas uma frase solitária.

A todos os professores com quem convivi no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Em especial, aos queridos Júlio Diniz e Frederico Coelho.

Às professoras Ana Cristina de Rezende Chiara e Madalena Simões de Almeida Vaz Pinto, ambas da UERJ, pela composição da banca e, sobretudo, pela sensibilidade com a qual aceitaram ler e comentar o meu romance-dissertação.

À Iris e a Paulo Clevelares, pelo amor e zelo dedicados a mim todos os dias.

À Alessandra Quintanilha, Karina Garcia e ao Felipe Abrille, por tudo e sempre.

Aos queridos companheiros de Mestrado na PUC-Rio. Com muito carinho, agradeço à Ana Luiza Firmeza, à Joana Hime, à Julia Casotti, à Letícia Pires, à Lívia Baião, à Mariana Elia, à Valquíria Luna e a Vitor Paiva.

Por fim, agradeço aos romances que li durante os dias de escrita da dissertação. Em especial, às ficções de Adriana Lisboa, Carola Saavedra, Manoela Sawitzski, Michel Laub, Paloma Vidal, Silviano Santiago e Tatiana Salem Levy.

Resumo

Clevelares, Gustavo Augusto de Abreu; Cardoso, Marília Rothier (Orientadora). **como se fosse um romance**,. Rio de Janeiro, 2015, 99 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação é o resultado de uma experiência artístico-literária. Buscou-se, no texto, investigar o *desejo* e o percurso de construção de literatura referente à atuação de um sujeito que desdobra o trabalho intelectual em fabricação artística. Apostou-se, então, na noção de *acontecimento* para compreender a produção de subjetividade que se manifesta em um primeiro experimento de escrita literária, consequência de um *devir-escritor*. De modo ficcional, sob a forma de um romance, o espaço do texto foi ocupado por uma escrita criativa de fôlego teórico. Na metaficção produzida, feito a lenda árabe de Sherazade, que narra para não morrer, o narrador-protagonista empenha-se em redescobrir e registrar a história de sua falecida avó, imigrante sírio-libanesa, a fim de que, na condição material da linguagem, ela também não morra. Na trajetória de entaves entre a imprecisão da memória e as artimanhas da imaginação, o personagem, enquanto não encontra a verdadeira história de seus antepassados, vê-se diante de seu primeiro impulso de escrevê-la *como se fosse um romance*. Entretanto, à medida que conhece os artifícios da escrita artística, depara-se com a relação conflituosa de sua família com o trânsito entre línguas. Assim, com o uso da metalinguagem como estratégia de escrita, buscou-se enfatizar, neste estudo, o desvendamento de um processo narrativo. Nesse contexto, este romance-dissertação constitui-se também como uma pesquisa-intervenção, que enfatiza a operacionalização do pensamento teórico-crítico através da escrita ficcional na contemporaneidade.

Palavras-chave

Romance; metaficção; experiência artístico-literária; devir-escritor.

Abstract

Clevalares, Gustavo Augusto de Abreu; Cardoso, Marília Rothier (Advisor). **as if it was a novel**. Rio de Janeiro, 2015, 99 p. MSc Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis is the result of an artistic-literary experience. In this production, the aim was to investigate the desire and the creation process manifested in a person who develops the intellectual work through the artistic fabrication. In this open space that promotes freedom of creativity, this study is based on the concept of *event* to understand the production of subjectivity that appears as a first experiment in literary writing, result of a *becoming-writer* process. Fictionally, in a novel format, the text was built up by a creative writing with a theoretical complexity. In the metafiction, inspired by the arabian legend of Scheherazade, the narrator-protagonist wants to discover and to write down the past of his deceased grandmother, syrian-lebanese immigrant, so that she preserves alive at least in the materiality of literature. In the movement between the imprecise memory and the powerful imagination, while the main character can not find the truth, he decides to write the story of their ancestors *as if it was a novel*. However, he needs to confront the conflictual relationship of his family with the languages while knows the strategies of artistic writing. Therefore, in this study, the metalanguage was a literary resource used to write about a narrative processes. In addition, this text is a research-intervention that wishes to emphasise the full scope of the theoretical and critical thought through the potency of fiction writing in the contemporaneity.

Keywords

Novel; metafiction; artistic-literary experience; becoming-writer.

Sumário

1. Parte zero: aviso aos navegantes,	10
2. Parte um: ainda que a narrativa tenha fim,	11
3. Parte dois: como se fosse um romance,	22
4. Parte três: uma espécie de epílogo,	94
5. Referências bibliográficas	95
6. Bibliografia complementar	96

A linguagem é uma pele: fricciono minha linguagem contra o outro. Como se eu tivesse palavras à guisa de dedos, ou dedos na ponta de minhas palavras. Minha linguagem treme de desejo.

Roland Barthes

Será que farei realmente um Romance? Respondo apenas isto: agirei como se eu fosse fazer um. Vou me instalar nesse como se.

Roland Barthes

1

Parte zero: aviso aos navegantes,

Antes de qualquer outro movimento, um aviso aos navegantes: não sei quais são os caminhos que direcionam às entradas deste texto. Não posso ter certeza se a leitura começará pela *parte um*, cuja configuração se deu como um relato de experiência, tendo em vista o momento da defesa, ou pela *parte dois*, o exercício de romance. Normalmente, no sistema cartesiano, traçamos um percurso cuja extensão vai do início para fim, com algumas interrupções forçadas pelo cansaço. Entretanto, espero que a curiosidade por esta dissertação, assim como ainda ocorre com meu desejo de escrever, não se esgote na primeira leitura. A composição em fragmentos acena com a possibilidade de várias combinações de partes e capítulos, produzindo efeitos diferentes. Convido o leitor a experimentar a aventura de ler e reler o texto, desmontando e remontando a sequência dos fragmentos como lhe agradar. Aqui, não caberá um exercício de imposição da ordem de leitura, do mesmo modo que o movimento das minhas mãos durante a elaboração desta dissertação também não foi sistematicamente regulado.

Minhas palavras visam o registro do processo, desejam permanecer como gesto inacabado. Em mesma sintonia, meu romance se compõe de resíduos. Não se trata, portanto, de esperar que o produto de minha escrita seja algo terminado, uma clausura estável ou esgotada. Devido à minha insistência política em afirmar este trabalho como um espaço propício ao movimento pendular entre o pensamento acadêmico e a criação artístico-inventiva, todas as fronteiras se diluem. E embora a separação dos discursos em partes estanques possa soar como um enquadramento conservador, não há desníveis entre a escrita ficcional e a teórico-crítica. Porque, no limite, as diferentes linguagens que utilizei acabaram se entrecruzando e, assim, confluíram para o mesmo lugar, o que manteve viva e pulsante a ideia de que o "verdadeiro escritor, aquele livre servidor da vida, precisa sempre agir como se a vida fosse uma categoria mais além de qualquer coisa já captada pelo romance" (WOOD, 2012, p.199). Dessa maneira, a ficção buscaria inventar a vida, questionando os limites e as convenções.

2

Parte um: ainda que a narrativa tenha fim,

Não há muitos mistérios no que diz respeito ao fato de que a condição fundamental da linguagem é a construção de significados. Não causa espanto a constatação de que o maior desejo de quem aprende o manejo de uma língua é responder ao apelo urgente da criação, adquirindo a capacidade de produzir e compreender textos em seus mais diversos formatos. De resto, basta saber como chegar ao ponto culminante do processo de comunicação: a compreensão de regras e de quaisquer fundamentações teóricas sobre o funcionamento e a organização de uma linguagem, artística ou não, vale como instrumento para a travessia. No caso da escrita criativa, área ainda em consolidação no universo acadêmico, é preciso fôlego para mergulhar no incerto e, com os braços abertos, aceitar o desafio de dar permanência, em grafia poética, àquilo que, a princípio, pertence apenas ao plano da imaginação.

Em um dia nublado, como costumam ser os domingos de novembro, construo esta espécie de relato. Depois de finalizar a escrita de um romance, restou a calma “desses dias de água parada acumulando mosquito” (SANT’ANNA, 2013, p.07). Entretanto, no instante que antecede a defesa, ainda que sem poderes místicos, posso prever que estarei como um homem acuado. Sem domínio próprio sobre meu corpo, certamente estarei todo trêmulo, com intensos arrepios. Apesar das sensações indefinidas, como em ocasião pública discorreu Silviano Santiago, se a minha primeira pessoa irá se apresentar à banca tomada por uma aflição desmedida, minha terceira pessoa – o nome impresso na capa do texto – precisará de firmeza e sensatez a fim de conduzir a apresentação do trabalho com coerência e precisão. De antemão, adianto, considero que, apesar de minhas reservas críticas, este discurso construiu-se com um tom apaixonado, ou insistente no uso de uma primeira pessoa que tanto, tanto desejou conhecer as artimanhas da ficção.

De início, confesso, não abro mão de escrever em primeira pessoa, honestamente assumida na ausência de tranquilidade, mas consciente de seu lugar em uma defesa acadêmica. Após meses intensos dedicados ao ato de escrita, a

finalização provisória de uma narrativa ficcional trouxe-me impactos severos, antes imprevisíveis. Lembro-me de que Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa e fascinante contador de histórias, certa vez disse de si: “eu quase nada não sei”, e arrematou, “mas desconfio de muita coisa” (ROSA, 2001, p.38). Eu não posso medir o quanto sei sobre a literatura, mas desconfio de que, em minha formação, depois de fabricar um romance pela primeira vez, certas convicções, antes donas da minha atenção, de uma hora para outra, perderam sua relevância, invertendo a dimensão do tempo em minha vida. Presente, passado, futuro – não faço mais distinções estanques. Como consequência dessa postura, estes dois dedos de prosa receberão o título inconcluso de *ainda que a narrativa tenha fim*, visto que os conceitos de tempo, finitude e descontinuidade já não me são caros.

Certa vez, no início de 2015, ao adentrar na biblioteca da PUC-Rio, tateando pela lombada de alguns livros, imperceptivelmente fui conduzido a um exemplar antigo da obra *Ficções*, do argentino Jorge Luis Borges. Com os olhos em passeio pelas páginas amareladas, deparei-me com a história de “Funes, o memorioso”. Na trama, a originalidade encontra-se no fato de que esse personagem sabia de cor uma informação gravada no cordão de um passante com quem cruzou numa avenida anos antes. De modo intenso, ele “não apenas recordava cada folha de cada árvore de cada monte, mas também cada uma das vezes que a havia percebido ou imaginado” (BORGES, 1975, p.117). Se, com razão, partirmos do princípio de que a memória é capaz de regular o próprio funcionamento da linguagem, podemos dizer que a mente de Funes funciona como uma enciclopédia, que poderia ser consultada incontáveis vezes, permitindo-lhe descrever os detalhes de todas as experiências pelas quais viveu. Às vezes, ingenuamente, considero a percepção infalível de Funes como a hipérbole da memória – a potencialidade máxima de retenção e armazenamento do tempo, livre das contaminações do presente.

Entretanto, como a mente de Funes registra tudo, sem seleção nem hierarquia, sua infinidade de lembranças resulta inútil, pois não chega a distinguir os acontecimentos. Com isso, apesar de as memórias fragmentárias serem as responsáveis por dar lugar à imaginação, o que torna Funes o oposto do artista, consulto as minhas lembranças com o incentivo que vem de sua história. Então, recordo-me exatamente do dia em que, pela primeira vez, expressei em viva voz a

vontade de produzir literatura. Refazendo esse caminho, investigo as gavetas da minha memória e resgato, ainda bastante vivo, o diálogo que tive com a professora Rosana Kohl, em maio de 2014. Nessa ocasião específica, em meio às minhas dúvidas acadêmicas, contei-lhe sobre o desejo que me atravessava naquele momento: eu precisava escrever ficção. Desejava registrar, como se fosse um romance, a história de deslocamentos da minha família, ainda que estivesse bastante incerto a respeito de quais caminhos precisaria trilhar na realização dessa tarefa. Por nunca ter me dedicado às estratégias da escrita artística, eu acreditava que não seria capaz de concluir um romance em apenas um ano, tempo que me restava no mestrado. No entanto, dominado por uma vontade incompreensível, perseguido por “uma lenta aglutinação de elementos que, depois, de algum tempo, devem ser ditos e escritos” (WILLEMART, 2012, p.73), eu não poderia deixar essa pulsão de escrita perder-se em meio às minhas frustrações juvenis. Eu estava diante de um impasse, repleto de incertezas, mas, antes de tudo, inteiramente disposto a me arriscar.

Com generosidade, acreditando em apenas uma frase proferida por mim, Rosana convocou Roland Barthes para nossa conversa e, como um tiro certo, indicou-me a leitura dos seminários de preparação do romance, feitos pelo pesquisador. Colocando o crítico francês como um intercessor, a professora me mostrou que poderia ser interessante dedicar-me aos atos de planejamento do meu texto, compreendendo os limites e as convergências entre os campos do ensaio e da ficção. Encarei a tarefa proposta. Durante a leitura da obra indicada, imaginei incontáveis pessoas sentadas, em cadeiras acolchoadas, segurando suas cadernetas no colo, aguardando o início da conferência. Provavelmente fazia frio, mas não tenho certeza quanto ao clima. Era o final do ano de 1978 na França. Roland Barthes havia convocado os estudantes do Collège de France para ouvi-lo sobre as circunstâncias que envolvem um sujeito em seu processo de criação ficcional. Com base na sua produção acadêmica sobre literatura, o palestrante buscava empreender, naquele curso, um experimento quase-artístico, no qual interrogava-se sobre os desafios linguísticos e estético-epistemológicos enfrentados por quem se propõe a aventurar-se na formulação de uma escrita literária.

A afirmação pode beirar à imprecisão, mas, apesar disso, reconheço que compartilhava um desejo muito semelhante ao de Barthes. Por muito tempo, eu quis

pensar sobre os obstáculos da escrita concomitantemente ao momento em que escrevia ficção. Decerto, foi no instante em que assumi minha relação com os fantasmas da arte, que me dei conta de qual era o verdadeiro ponto de partida para minha pesquisa – “dizer que se quer escrever, eis, de fato, a própria matéria da escritura” (BARTHES, 2005, p.17). E, embora fosse notável o meu desejo de me colocar na posição de um sujeito que queria aprender a escrever um romance e gestar uma ficção obstinada, eu ainda precisava de alguém que, em parceria, aceitasse mergulhar ao meu lado nessa empreitada experimental. Como não poderia ter sido de outra maneira, surgiu o nome da professora Marília Rothier, pessoa que prontamente aceitou me orientar na formulação do que, a princípio, seria o diário de preparação de um romance, permeado de alguns exercícios ficcionais. Entretanto, logo no início da pesquisa, Marília percebeu que o meu interesse voltava-se muito mais para a inteira elaboração do discurso literário, e então já não havia mais retorno.

Assumo que, para mim, o processo de escrita artística é uma operação linguística inquietante e semanticamente complexa. Mais complicada ainda se torna quando, no texto desejado, a força do discurso quer materializar-se como uma adesão a leituras teóricas. Ao olhar para trás, recordo-me de que, durante os meus primeiros passos na redação inventiva, eu me indagava constantemente sobre minha capacidade de fazer com que colidissem e se contaminassem as rotas da ficção e da teoria no mesmo plano criativo. Em excesso, eu me questionava sobre a validade desse percurso experimental, sobre quais seriam os objetivos, os pressupostos teóricos e a metodologia empregada na escrita de um romance que se queria constituir, antes de tudo, como produção de pensamento acadêmico. Permaneci obstinado a fim de que o texto não se fabricasse como uma narrativa ingênua, mas, ao contrário, como um esforço de expressão e de compreensão da academia como um local onde o saber também se produz e autocritica através da invenção artística. Em meio a uma conjuntura na qual o pensamento acadêmico ainda guarda certa rigidez da razão iluminista, busquei encontrar na universidade um lugar onde fosse possível transitar por vias alternativas ao estatuto disciplinar tradicional.

Em princípio, para realizar esse empreendimento, o acontecimento na escrita – onde se processa um devir-escritor – impôs-se como um tópico de

pesquisa, somado à noção de planejamento e de preparação do romance. Sobre isso, Gilles Deleuze, numa passagem de *Lógica do sentido*, afirma que uma das perspectivas para entender o acontecimento é “instalar-se nele como num devir, (...) nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, (...) passar por todos os seus componentes e singularidades” (2000, p.211). Daí, para pensar a condição de tensão com a linguagem artística enfrentada através do desejo de escrever, passei a observar atentamente a direção que tomavam minhas atividades intelectuais, nesse devir-escritor – movimento que nunca permanece o mesmo, que vai-se transformando com o decorrer do processo. No entanto, o devir não implica numa mudança de categoria. No percurso de escrita, se experimentei o devir-escritor, não posso tomá-lo por metamorfose, que acabe levando à burocratização do trabalho. Se me apego a essa expressão, instalo-me numa linha teleológica, afastando-me da noção de tempo como transformação contínua. O que existe, portanto, é uma dupla condição do trabalho: de um lado, enquanto produtor de crítica, estou contaminado pela inventividade do escritor; por outro, enquanto fabulador de ficção, acolho os fantasmas da teoria, que assombam minha aventura na escrita ficcional.

Diante desse panorama, embora eu pudesse contar com os experimentos assinados por antecedentes conceituados, como Esdras do Nascimento, Adriana Lisboa e Tatiana Salem Levy, apresentar o resultado de uma experimentação literária à academia causava-me um desassossego desmedido. De fato, não se pode negar que, nas últimas décadas, algumas dissertações e teses vêm adotando formatos menos rígidos no que tange à linguagem e ao formato, ainda que criadas com o rigor de uma pesquisa acadêmica. Esse indicador – a gênese de textos literários como certificadora de diplomas – ainda causa intensas controvérsias e discussões entre pesquisadores da área. No meu caso, afinal, o que conferiria ao exercício de romance o valor de uma dissertação de mestrado? Sem conseguir atribuir respostas precisas a essa interrogação, rodeada de tantas possibilidades, segui as instruções teórico-críticas que já havia lido e, tomado pelo desejo, aceitei que toda “obra de arte está ligada ao risco, ela é a afirmação de uma experiência extrema” (BLANCHOT, 2011, p. 316).

No ensaio intitulado “Jovens Pesquisadores”, Roland Barthes afirma que, “no limiar do seu trabalho, o estudante sofre uma série de divisões. Enquanto

intelectual, ele é arrastado na hierarquia dos trabalhos, enquanto investigador, está votado à separação dos discursos”. De modo assertivo, ele explica: “de um lado, o discurso da cientificidade (discurso da lei) e, do outro, o discurso do desejo, ou escrita” (2004, p.99). Nesse contexto, na minha dissertação, transgredir a concepção cristalizada e tradicional de escrita acadêmica não ocorreu como a negação da ciência, cuja significação constitui-se com uma linguagem de valor universal. Ao contrário, defendo que todo ato de criação deixa um rastro de incompletudes atrás de si. No entanto, insisto na ideia de que a linguagem artística pode apresentar-se em pé de igualdade com a ciência ou a filosofia, sendo o resultado de uma radical experiência subjetiva, ou seja, uma potência criadora que nos conduz aos espaços de renovação do pensamento. O resultado do contágio entre as linguagens artística e ensaística tornou-se, para mim, uma questão de liberdade. De não interromper seus fluxos, não estancar suas potências.

Em meu trabalho acadêmico-literário, recorri à metaficção para estabelecer um jogo intelectual entre teoria e arte. Como estratégia de escrita, dei vida a um personagem-escritor, que se apresenta no texto em primeira pessoa. Diante dessa tarefa, minha proposta foi o aproveitamento das potencialidades da linguagem, pensando-a em sua força fabricadora de realidades discursivas. Regulado pelo estatuto metalinguístico, com mais segurança e suporte teórico, busquei conduzir a vida do meu narrador, a fim de que, em sua trajetória, ele expusesse o modo com o qual sua vida se mostra indissociável do seu gesto escritural, semelhantemente ao que acontecia comigo. Com a autoconsciência narrativa do meu protagonista, dediquei-me à criação de um autor imaginário, com um livro sendo escrito por ele, o que abriu um espaço propício e saudável para registrar a minha própria experiência de criação literária autoficcional, que se desdobrou em elaboração teórica e, sobretudo, autocrítica.

Não à toa, apesar da nuance estratégica da metalinguagem, dúvidas ainda maiores me atormentavam. Se acreditei que seria cabível, no meu texto, exercitar a proposta de escrever um personagem-escritor, reforçando o hífen que, ao separar, na verdade, une duas faces do mesmo sujeito, manteve-se um violento receio quanto à eficácia desse mecanismo. Em quase todas as narrativas ficcionais que li durante a formulação da dissertação, encontrei várias histórias cujo eixo central da intriga

constitui-se de um personagem em pleno ato de escrita, redescobrimo algum episódio do seu passado. Sujeitos que protagonizavam uma trama ao mesmo tempo em que produziam metalinguagem, articulando as etapas e os entraves espirituais enfrentados durante o percurso de construção de um objeto artístico-literário. De fato, o protagonista-escritor tornou-se um recurso ficcional da literatura contemporânea, o que me fazia questionar, mais uma vez, se eu não estaria escrevendo mais do mesmo, chegando novamente a lugares-comuns.

Insisti na ficção autoexplicativa tanto para, repetindo pensamentos anteriores, explorar as possibilidades da construção ficcional, como também para observar os percalços de aprendiz de romancista. De modo especial, busquei essa estratégia devido ao fato de o estilo escolhido para a trama e a linguagem afastarem-se do coloquial e testarem a força ainda guardada pelas soluções melodramáticas, que fogem dos clichês sentimentais e maniqueístas. Diante disso, ousou dizer que a concretização deste experimento acadêmico, que intitulei *como se fosse um romance*, não seria possível fora da universidade. Além das inúmeras leituras e discussões teórico-críticas, imprescindíveis para a revisão e a elaboração do pensamento acadêmico, o percurso de orientação me auxiliou a permanecer firme no campo de forças da linguagem artística e ensaística. No fio da narrativa, o escritor-protagonista, em seu primeiro impulso de escrever ficção, registra as suas dificuldades em relação ao trabalho. No mesmo sentido, embora firme em meu enredo, também me deparei com inúmeros desafios e obstáculos linguísticos, que se refletiram, por diversas vezes, na construção de uma escrita inexata e duvidosa. Perdido num labirinto de imprecisão vocabular, onde as palavras me traíam, foi por meio do pensamento de Maurice Blanchot que compreendi que, no exercício literário, “o escritor já não pertence ao domínio magistral em que exprimir-se significa exprimir a exatidão e a certeza das coisas e dos valores segundo o sentido dos seus limites” (2011, p.17).

Por ironia das circunstâncias, na complexa busca por manter o estilo quase-barroco do meu narrador, a voz de romance que flerta com o melodrama, minhas palavras perdiam-se em sua significação, muitas vezes atraídas pela sonoridade. Não raro, frases inteiras acabavam sendo construídas mais pela força do fonema, pela beleza do signo em sua materialidade sonora, do que por seu significado. Em

termos de coerência textual, foi preciso bastante auxílio para não ser seduzido pelo que chamo de palavras-sereias, capazes de atrair e encantar os desprevenidos escritores que ouvem seu canto. De acordo com a lenda, o único modo de derrotar uma sereia é conseguir cantar melhor do que ela. Sem dúvidas, alcançar um timbre mais seguro só foi possível graças ao apoio sensível da professora Marília Rothier. Somada à experiência de orientação, por outro lado, parte da construção do plano teórico-crítico do exercício de romance se concretizou com base fundamental nas aulas e nos seminários a que tive a felicidade de assistir como aluno do Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

Nos extremos do encantamento pelas possibilidades da literatura, durante o curso da composição narrativa, senti se alastrar por minha pele o desafio de fazer com que as minhas palavras, no que se chama de escrita criativa, não apontassem apenas para fora. Para criar um texto inventivo, impus a mim a condição de que os signos não descrevessem apenas as coisas do universo referencial. Fujo da palavra que se vale somente de sua capacidade de representação, indicação, nomeação. Corro para longe da linguagem bruta e concreta, da palavra comum e designadora, que, não raro, perde sua potência diante da materialidade do mundo sensível no instante em que se confronta com o objeto nomeado. O que desejo é a palavra-eros – a linguagem que, de tão viva e feroz, apresenta-se sedutora diante de quem a encara. Quero, como diz Roland Barthes, uma linguagem que trema de desejo. Com essa meta, um dos motores que mais garantiu a respiração do meu texto até o fim foi o incentivo de explorar a palavra artística, que anima às histórias imaginadas, que narra os mundos possíveis e, desviando-se do lugar comum da comunicação, transforma o que é banal em objeto de fascínio.

Por hora, ainda que possa parecer necessário ou coerente, não apresentarei em minúcias o enredo do romance que escrevi. Como isto serve de um relato prévio, embora sem nenhuma ordenação rigorosa, provavelmente alguns poderão ler o texto ficcional na sequência. Desse modo, com profundo respeito àqueles que não gostam de saber os pormenores de uma história antes de conhecê-la, não oferecerei informações detalhadas sobre a trama. Posso adiantar que os fragmentos de memória ficcionalizada articularam aspectos dos seguintes temas: os entraves culturais encontrados por minha avó, imigrante sírio-libanesa, em sua fixação no

Brasil; a imigração linguística da minha mãe, que, apesar de nascida em terra brasileira, perde a audição, tornando-se imigrante dentro de sua própria língua; e o meu próprio deslocamento, visto que também me senti como um estrangeiro ao experimentar o desejo de aventurar-me no campo da linguagem artística. Diante desse percurso imaginado, no curso do trabalho tornou-se imperioso aparelhar-me para a travessia do mar da linguagem. Como em qualquer aventura, a entrega se fez indispensável, principalmente para o novo escritor, pois, como está explícito no pensamento blanchotiano, “do ponto de vista da obra (do ponto de vista de suas exigências que descrevemos), vê-se claramente que ela exige um sacrifício por parte daquele que a torna possível” (BLANCHOT, 2011, p.236-237).

Com o escopo temático escolhido para a elaboração deste romance-dissertação, ou, como preferirem, desta dissertação-romance, foi imprescindível o contraponto com outro experimento que partiu de uma inquietação próxima. Então, como linha auxiliar de pesquisa, minha escrita elegeu como intercessor imprescindível o trabalho inventivo-crítico de Tatiana Salem Levy, referência e provocação para pensar a escrita autoficcional. No romance *A Chave de Casa*, defendido como tese de doutorado na mesma universidade e composto por quatro narrativas que se entrecruzam, a protagonista-narradora, em pleno ato de questionamentos sobre a legitimidade da sua tarefa de redescobrir o passado da sua família de imigrantes, confessa: “para escrever esta história, tenho de sair de onde estou, fazer uma longa viagem por lugares que não conheço, terras onde nunca pisei” (LEVY, 2010, p.12). Em todo o percurso, esforcei-me, também, para me instalar num movimento de viagem, pois foi desse modo como acabei me enxergando ao recriar uma trama de deslocamentos. Como não poderia ser diferente, em um jogo com as formas inespecíficas do literário, no romance, há um capítulo dedicado a uma espécie de resenha ensaística do livro em questão.

Decerto, o ato de atribuir novas significações à história de imigração da minha família foi como pisar em um terreno desconhecido. Ao desenterrar as tramas dos meus antepassados, reparei que minhas mãos e meus pés sujavam-se de uma terra seca, pouco remexida. Bem verdade, como escreveu Walter Benjamin, “quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo

como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo” (1987, p.239). Talvez, a escrita ficcional tenha sido a única estratégia saudável de reconstruir a minha família. De mesmo modo, com o apelo da saúde, para elaborar este texto final, produzido depois da construção do romance, sinto como se eu estivesse me preparando para uma mudança de casa. Empilho alguns termos, organizo certos vocábulos. Em caixas amplas, guardo frases inteiras, pilhas de papéis escritos e rasurados. Nesse empacotamento cruel, é como se, aos poucos, eu abandonasse a minha dissertação de mestrado, restando, em mim, o vazio do livro fechado. Fere-me o ato de encaixotar o texto, afirmá-lo como pronto. Por culpa desse sentimento, mantenho a certeza de que *ainda que a narrativa tenha fim*, meu processo de escrita tornou-se interminável, uma cadência interrompida.

Neste momento, quando minhas palavras começam a se esgotar, fica evidente que o saldo dessa aventura foi extremamente positivo. Não apenas por ter escrito uma ficção, mas, antes de tudo, por sentir-me em movimento integrado ao trânsito da própria linguagem artística. Consciente disso, quando encontro, na superfície do texto, erros involuntários, ou falhas na digitação, não me sinto envergonhado, tampouco me entristeço. Ao contrário, em mim, reacende uma alegria ordinária, pois reconheço que novamente precisarei investir tempo e energia no aperfeiçoamento do objeto que tanto desejei. Logo, fica claro que a decisão de fechar o título da dissertação com uma vírgula sinaliza minha vontade de continuar caminhando pelas trilhas inebriantes da escrita literária. Essa alternativa estética e linguística representa, na grafia, uma inauguração seguida de pequena pausa, intervalo que prevê continuidade, suspensão e tomada de fôlego para prosseguir com o discurso artístico num momento posterior. Porque embora o texto esteja finalizado, honestamente o encaro como se fosse apenas um rascunho.

Dito isso, como num golpe inesperado, o ato de colocar o derradeiro ponto final na dissertação simboliza uma perda dura. Há um significativo pedaço de mim que permanecerá guardado nas páginas da narrativa, agora revestida pelo afastamento que me imponho. Foi difícil – e ao mesmo tempo fascinante – a transposição para o plano literário do que foi um exercício para lidar com o embate da minha família com o trânsito obrigatório entre línguas estrangeiras, ou, ainda mais difícil, com a perda do acesso à oralidade. No fim das contas, aprendendo a

conduzir uma nova linguagem, deixei de me preocupar com explicações a respeito da exatidão dos fatos, sempre um tanto especiosas. O que fica de minha escrita é antes uma história que exhibe, em sua nova vestimenta, um esvaziamento da verdade factual. Como agente e testemunha de um aprendizado, encerrei um intenso ciclo de criação literária – esse intervalo de tempo serviu como pano de fundo de mudanças cruciais na minha relação com a arte. Na ficção, pude ser livre, amadurecendo minhas tendências ainda inseguras. Envolvido pelo desejo, acabei por criar uma vida que, em determinado momento, sem me dar conta, eu já não admitia mais como minha. Por essa razão é que, a partir de agora, recolho os pedaços de minha história. Preciso desarrumá-los em outro lugar.

Lá fora, a chuva desaba impetuosamente. Na minha mesa, ao lado do computador, repousa o último romance que li. Nele, a voz do narrador, a respeito da apresentação do protagonista, descreve que “um homem chegou aos quarenta anos e assumiu a tristeza de não ter um filho”. E continua dizendo: “sentia que tudo lhe faltava pela metade, como se tivesse apenas metade dos olhos, metade do peito e metade das pernas, metade da casa e dos talheres, metade dos dias, metade das palavras para se explicar às pessoas” (MÃE, 2011, p.08). Escrever um romance pela primeira vez me proporcionou a experiência de ser pai de mil filhos, ou, mais incisivamente, como diz o título do livro, ser *o filho de mil homens*. Cada vez que leio o meu texto, feito ondas que me atravessam, os personagens já não são mais os mesmos, assim como eu, de fato, também não sou. Do sumo das vidas que criei na ficção, fica em mim a sensação de que estes sujeitos me fazem compreender a literatura como um adulto, mas ainda vivê-la como criança. Reconheço que devo muito a esses indivíduos inventados, que me ensinam mais do que aprendem, correm mais do que ficam e, em movimento interrupto, completam-me com membros, retinas, lábios e gestos. De modo delicado, tudo isso constitui em mim um corpo sólido, que, do produto da ficção em diante, configura, com poesia, o pesquisador-escritor adulto-menino que sou.

3

Parte dois: como se fosse um romance,

Preâmbulo

Antes que todos os segredos da minha avó sejam enterrados, encobertos pelo pó de uma terra distante, precisarei escrevê-los. Dedicar-me a um esforço de travessia a fim de impedir que a história da minha família desapareça na areia movediça da memória. Convocar à vida meus antepassados é apostar na sua perpetuação pela grafia, permitindo-me cavar um intervalo entre dois tempos e dois lugares. Se eu puder escrever este texto até o fim, talvez consiga evitar que, pouco a pouco, na escuridão seca do chão, a poeira encubra para sempre uma trama que, de tão desconhecida, me sufoca. Feito a lenda de Sherazade, que durante mil e uma noites narra para não morrer, sinto a urgência de escrever a história da minha avó, a fim de que, na condição material da literatura, ela também não morra.

Entretanto, minha mão direita titubeia. Hesita e adormece todas as vezes que vem à tona a vontade de escrever regulada pelo resgate obstinado da verdade. Com seu ímpeto inflamável, o querer-escrever a vida dos meus antepassados impõe ao meu corpo uma tarefa laboriosa que, além de exaustiva, demanda a coragem de mergulhar num oceano, no escuro ou na penumbra, sem que ao menos eu saiba nadar. Sobreviver nessa extensão desconhecida, alcançar a superfície almejada, é fazer explodir em verbo o que é do campo do sensível. Escrever o deslocamento da minha avó, conhecer suas raízes, é desejar uma vida que se torne livro, perpetuá-la na linguagem. Para empreender esta tarefa, retorço-me para dentro de minha memória, fecho os olhos com o intuito de resgatar um passado que não vivi, mas que, à sua maneira imprecisa, ainda faz girar as engrenagens da minha vida.

Por culpa de uma espécie de abatimento, ou talvez graças a essa sensação, é que de antemão aceito o risco. Porque, ao compreender os segredos que rodeiam o trajeto de imigração percorrido por minha avó, talvez eu consiga decifrar o enunciado enigmático que ela deixou para mim como herança. À beira da morte, tomada por um sopro estrangeiro, minha avó pronunciou uma frase misteriosa, numa língua incompreensível, esculpida com palavras-esfinge. Um enunciado

vindo de longe, viajante numa sintaxe particular, que invadiu o meu tímpano numa firme voz árabe. Ela proferiu um mistério angustiante, cuja força me atemoriza por completo. Deixou esse segredo em minhas mãos, sem maiores explicações, antes que, enfim, de uma vez por todas e sem retorno, pudesse levantar voo de volta à paisagem do Líbano.

02.

Em meu corpo, há uma solidão desmedida. Não há alguém que me ofereça refúgio. Sem saída, encontro na escrita deste romance uma interlocução disponível, um modo de manter o ritmo de minha respiração. O tempo, sempre fugaz, parei de medi-lo. Suponho, porém, que são poucos os meses que se passaram desde que o apagamento prematuro da minha avó bifurcou nossos caminhos, separou nossas matérias. Desde então, aceitando o que sobrou de mim, emprego meus dias escrevendo uma história de retornos, sentado no chão desta sala em ruínas. No meu colo, sem expectativas, apoio a minha caderneta de anotações, bloco de folhas amareladas, espaço infinito onde escrevo sobressaltos, onde me esforço para exumar a memória. No papel, com o impulso do corpo, rabisco possibilidades, conservo energia para lembrar a transcrição exata das últimas palavras que minha avó dedicou a mim. No entanto, o fracasso me atravessa de uma ponta a outra. Espalha-se por meu corpo todas as vezes que, exausto de errar, rasgo quase todas as folhas escritas. E, sem saída, atuo desse modo por não conseguir sequer me lembrar da sonoridade da frase pronunciada.

Aos poucos, conforme interpreto os fragmentos da minha memória, as histórias perdem seu aspecto ressecado. No quarto, pouco tempo atrás, lembro da cena com corpo da minha avó na cama, o meu em pé. Nossos olhos mantinham-se alinhados, com a sensação de que nos compreendíamos no confronto das nossas retinas castanhas. Nosso fio condutor, tensionado após tantas interrupções e afastamentos, era formado pela resignação de um orgulho, do qual insistimos em sentir durante tanto tempo. Como se estivesse fora de si, ela permanecia inteiramente destruída pela dor. Porém, sem que eu pudesse me prevenir, em meio a uma conversa sobre promessas e futuro, minha avó expulsou o ar dos seus

pulmões. Experimentou, novamente, um sopro de sonoridade estrangeira. Com sua imobilidade, em minha direção, ela emitiu um som por demais incógnito e que, de algum modo desconhecido e familiar, parecia ser seu passaporte para retornar à terra que tinha verdadeiramente como sua casa. Em poucas palavras, forasteiras em meu ouvido, ela criava sua rota de fuga para, sem regresso, seguir seus passos em direção ao seu lar.

Como isto é incontornável: naqueles segundos, fugazes e imprecisos, aquela frase-enigma, sussurrada numa língua incompreensível para mim, incendiou o ambiente com uma fragrância de mirra, com as cores de um país oriental. De súbito, as palavras da minha avó me deslocaram para longe, para próximo das tradições do nosso passado, equivocadamente esquecidas por mim durante quase toda a vida. De certo modo, infelizmente, tenho consciência de que o pouco que sei da língua árabe são palavras específicas e frases prontas que, sem escolha, eu repetia em voz alta na infância. De todas as sentenças que fui obrigado a decorar quando criança, nenhuma se parecia com o que havia sido pronunciado por minha avó.

Os fonemas eram clandestinos, embora pertencessem à boca feito saliva, mucosa, dentição. Compostos às escondidas, foram cantados em volume baixo. Eram articulados entre si, em sons abertos, solares, por vezes agudos, quase musicais. Envelhecendo o ambiente a cada instante, o desconhecimento acerca do vocabulário não me deixava compreender o significado das palavras que a mim eram oferecidas. Em meu íntimo, o mistério da fala era um invasor do meu corpo, talvez um disfarce para o que poderia ser um pedido, uma solicitação de última hora. Ali mesmo, no vão entre nossas vidas, passou a existir entre nós, avó e neto, uma espécie de pacto de linguagem, um tratado de retorno, cujo significado verdadeiro, até o momento, permanece lançado ao acaso.

Nunca acreditei que, por debaixo da pele das palavras, a exatidão poderia ser um tecido inacessível. Fosse simples, eu folheava definições nos dicionários de árabe, empreendia exercícios de tradução do som vivo e atípico que ouvi. Ou, aliás, com maior eficácia e entusiasmo, embarcava no primeiro voo para o Líbano, olhava de frente outra terra e, assim, tentava cavar do chão o que poderia ter restado dos meus antepassados. Mas reconheço que qualquer tentativa seria inútil. Não existe

mais o Líbano de antes, as lacunas permanecem sem preenchimento. Preciso, então, encarar a possibilidade apavorante de ter que conviver com um enigma de vida que, nesta tarefa de escrita, me arrasta de um lado a outro, afastando-me de qualquer certeza e resumindo-se a um ruído de lembrança com o qual às vezes sonho, mas não posso transcrever.

Menos doloroso seria contar com uma memória desdobrável. Com um dispositivo que retivesse fatos, impressões e sensações pela vida toda, feito um conto de Jorge Luis Borges. Aceito, porém, que somente uma série contínua de memórias serve à significação. De nada adiantariam detalhes, pois, na miscelânea de dados, sequer teria capacidade para interpretá-los. O que acontece, neste instante, é que nenhuma das minhas elucubrações sobre meus antepassados parece chegar próximo ao sentido das palavras ditas por minha avó. Sentença materializada ao longe, no alfabeto de um ambiente mediterrâneo, formado entre o mar e a montanha, onde sempre vivi mas nunca pisei. Este ponto, enfim, é o estreito lugar onde me encontro nesta experiência, se é de experiência que aqui estou falando.

Por enquanto, sem saber se em algum momento conseguirei desvelar a verdade das palavras, a ausência dos nossos abraços continuará guardada nas paredes desta casa. Conservado no silêncio dos corredores e dos cômodos, o passado da minha avó continuará jazendo, talvez perdido entre livros e diários nunca escritos, em fotografias nunca reveladas. Permanecerá sem ser visto, até que, driblando as armadilhas da língua e da imaginação, eu possa cravar-lhe as unhas, agarrá-lo com sangue e, por fim, recriá-lo a meu modo. Atrás da verdade, acabo disparando meu verbo em direção ao faz de conta. Evoco da memória o pouco que guardei sobre a vida dos meus antecedentes a fim de que eu possa iniciar a escrita deste romance. Nessa febril travessia, carregando apenas de frágeis lembranças, o real me escapa. Por esse motivo, daqui em diante, tudo será ficção.

03.

Nos dois últimos dias de vida, minha avó não abriu os olhos. Não ameaçou nenhum movimento involuntário, sequer um pedido de socorro. Permaneceu deitada em sua cama, petrificada, num intermédio entre vida e morte. Manteve-se

ali, preenchendo o espaço apenas com o movimento da sua respiração. Ela nunca esteve em coma, disseram os médicos, mas forçada ao imobilismo por um bloqueio corajoso, que, como uma espécie de salvação, permitia-lhe não encarar sua nova realidade irreversível. Durante esse período, espécie de morte provisória, ou talvez morte em vida, poucas vezes ultrapassei o limiar da porta de seu quarto. Quando o fiz, a angústia, em rasteiros minutos, expulsou-me de lá, precavendo-me de encarar a potência esmagadora da dor.

A cena do seu corpo na cama, apagado propositadamente, constituía-se como um enigma. Parecia que toda sua rigidez era a aceitação do que, para ela, tinha se tornado intratável. Não parecia ser o medo da despedida ou da morte, como muitos da família suspeitavam ou, às vezes, afirmavam categoricamente. Na verdade, minha avó parecia negar-se a encarar de frente aquilo em que o seu corpo havia se convertido: as suas mãos, atrofiadas pela doença, já não tinham mais força sequer para afastar o ralo cabelo que caía sobre os olhos. Não existia energia para se movimentar. Então, não era necessário que ela se observasse em ruínas.

Pela inevitabilidade de se deteriorar, de se extinguir, eu mantinha em mim a certeza contundente de que minha avó evita olhar-se. Rejeitava encarar as suas pernas, que, de tão enfraquecidas, atrofiadas pela força avassaladora dos tumores, já não obedeciam mais aos comandos de quem sempre teve apreço pela potência do caminhar. Ela repelia a ideia de perder-se em si mesma. Com sua decisão, era, ao mesmo tempo, comovente e reconfortante para mim acreditar que as mesmas pernas, que agora estavam pregadas à cama, conduziriam minha avó de volta para o que considerava ser a sua verdadeira casa.

Aquilo que estava estendido sob a cama não era mais um corpo. Em contrapartida, também não reconheço ao certo o que havia se tornado a matéria. Assemelhava-se a uma massa disforme, sem sustentação. Estava encolhida, na posição de um feto, sem o poder da fala, como quem parece fazer força para chegar ao ponto mais infantil de si e, quem sabe, aceitando o risco, reencontrar sua mãe. Apesar de sua ausência, de sua possível vontade de volta, minha avó permanecia viva, ainda que imóvel. Por diversas vezes, quis segurá-la pelos ombros, sacudi-la

com força, gritar para que ela acordasse daquele apagamento profundo. Despertar do estado que, em breve, deixaria de ser temporário e se transformaria em fim.

Não sei se foi devido ao meu estado de luto, ou por minha crença na impossibilidade do retorno, mas ainda fico às voltas com a ideia de que ela poderia acordar e me explicar o significado da nossa última conversa. Quem sabe, minha avó poderia me contar sua história de vinda, sua travessia pelo mundo, sua chegada ao Brasil. No fundo, não compreendo por que razão ela falou em árabe comigo. Não compreendo por que ela desistiu de viver e se apagou. Só sei que ali, deitada na cama, recusando-se a abrir os olhos, ou a falar, ou se mexer, minha avó estava viva. Esteve viva. Imóvel. E assim permaneceu até o momento em que uma última rajada de vento saísse do seu peito e, sem esforço, dor ou resistência, mais nenhum sopro de ar pudesse entrar.

04.

Nossos corpos, passados doze anos, encostaram-se outra vez. Seus braços, sempre mais firmes do que os meus, embrulhavam-me com os punhos cerrados, rodeavam meus ombros e, por impulso, apertavam as minhas costas com impressionante autoridade. Eles me envolviam em seu peito, com uma força tamanha, a fim de me prender e, assim imagino, reaver o tempo que desperdiçamos. Minhas mãos, trêmulas de ansiedade, antes que eu pudesse comandá-las, prendiam-no involuntariamente naquele nosso casulo: meu braço direito esmagava a sua pele, seus músculos, os ossos das costas largas que tantas, tantas vezes eu havia maltratado. Do lado oposto, parte mais sensível e honesta, meu braço esquerdo segurava seu pescoço com uma potência física que eu desconhecia haver em mim. No mais íntimo, eu desejava recostá-lo para sempre no calor da minha pele, costurá-lo ao meu corpo, cujo dono, aliás, sempre, sempre fora ele.

Era sensato e sensível, por assim dizer, que nós nos encontrássemos daquela forma, depois de nossas vidas se desencontrarem e os nossos relógios girarem em fuso-horários diferentes. Decerto, não haveria como ser de outra maneira. Diante de nossa história, somente a dor de perder um ente amado poderia reorganizar nossos caminhos e conduzi-los em mão única. Naquele espaço fúnebre, ao lado do

da caixa de madeira que resguardava o corpo de nossa avó, ele e eu incendiávamos a vida novamente; meus dedos fincavam-se em sua nuca viril, sua boca em meu pescoço, sentia sua respiração quente. Nosso desejo reacendia à medida que eu, com força, mantinha-o aquecido no meu abraço. Às margens do meu ouvido direito, seus lábios tentaram me dizer alguma coisa, alguma frase de retorno, que bom abraçar você, talvez tivesse dito. Não dei ouvidos às palavras.

Com medo de quebrar o ponto de ternura em que chegamos, repeli a vontade de construir qualquer conversa. Escuta mil vezes, fala uma só, lembrei-me em paz, reconhecendo a força do provérbio tantas vezes ensinado por nossa avó. E assim seguimos, no embalo da nossa música-muda: éramos infantes novamente, sem domínio das palavras, dançarinos de um silêncio sem rancor. Com nossos corpos colados, os cabelos esvoaçados pelo vento da tarde, construíamos em uníssono um oásis de suor e zelo, um abrigo para novamente nos sentirmos seguros em meio à secura do deserto que se tornara a nossa família. Ele e eu tínhamos, finalmente, um ao outro. Àquela altura, caso eu pudesse pressentir o quão infinito seria nosso próximo hiato, talvez não o soltasse mais.

Por um tempo incalculável pelos relógios, com todos os seus giros impiedosos, ali permanecemos, reunindo-nos em nós mesmos. Mantivemo-nos firmes, enternecidos sobre os pés, com os músculos do dorso tão unidos que, no calor das carnes, esquecíamos dos olhares de fora, dos balbucios ao nosso redor. Nós nos entregávamos, finalmente, à potência da nossa fraternidade. Se foi durante o abraço, não posso afirmar, porém, em algum momento do nosso encontro, prometi a mim mesmo, em pensamento, que nenhuma eventualidade seria capaz de provocar qualquer distância entre mim e meu irmão. Gritaria ao mundo, se fosse preciso, que nada poderia, outra vez, separar nossos corpos, que permaneceriam entrelaçados até sairmos deste mundo. Naquele momento, enquanto aguardávamos a dor se dissipar da nossa carne, em um consenso de pele, sem palavrear, decidíamos abrir mão de sermos dois. Acreditei que, juntos, pela vida, tornávamo-nos apenas um.

05.

Faço força para não me esquecer de que o nome de um sujeito, assim como sua honra e suas palavras, são as posses mais importantes para o povo libanês. Porque embora eu nunca tenha preservado afeição alguma pela cultura dos meus antepassados, respeitarei o que restou, ao fim, nos alfarrábios da minha memória. Contarei esta história de família, suprimindo as identidades. Não revelarei os nomes dos meus personagens. Às vezes, contraditório, prefiro o não-dito, as dobras, os lugares secretos. Saiba que o corpo envelhece com o tempo, minha avó me dizia. Nossa matéria transforma-se em ruína, vira o exato oposto da infância; a aparência física também se altera, de mesmo modo que certas virtudes e defeitos do alma decompõem-se. Diante disso, as palavras que carregamos como nomes e sobrenomes continuam firmes – são inmutáveis, invariáveis, perpétuas.

Com a delicadeza com que procuro depositar na escrita, desejo abrir as trancas da minha memória a fim de que a invenção possa recriá-la livremente. Deixo no esconderijo o que precisa permanecer ocultado. De todo modo, esclareço, torna-se penoso para mim forçar este distanciamento da história que crio para minha vida. Em excesso, este romance falará sobre afastamentos e separações. Seja como for, ainda que me fira, cumprirei esta regra de anonimato como forma de prevenção e respeito. Afinal, não adianta eu querer antecipar o desenlace desta história, esclarecendo-a de antemão. Para costurar o meu passado, com a linha e a agulha da memória e da invenção, preciso aceitar o que um dia ouvi de uma velha artesã: devemos sempre medir o tecido antes de, enfim, começar a cortá-lo.

06.

Antes de me deslocar novamente para cá, passei um longo tempo sem pisar neste espaço. Desviei-me desta casa de portas antigas, janelas envernizadas e cômodos vazios. Em outro tempo, este lugar foi meu esconderijo, meu armazém, meu *al-makhzan*. Eram bonitos os dias em que, serenamente, eu podia sentar sozinho no quintal e lá me deliciar com o álbum de retratos da família. Deitava-me no chão exterior da casa por horas a fio. Imaginava histórias para as fotografias que via, para as pessoas que, independentemente de estarem vivas ou mortas,

permaneceriam para sempre gravadas e estáticas, de olhos abertos, nos pedaços de papel. Do lado de dentro, ambiente sagrado para minha avó, as tábuas corridas da sala foram palco de muitas festas, comemorações infindáveis, por vezes semanais, preparadas sempre ao sabor de anis e amêndoa do despontar do sol até cair o sereno traíçoeiro da noite.

Sempre havia bons motivos a serem comemorados. Houve um dia, porém, em que tudo começou a ruir. Por isso, mas não só por isso, é que as palavras transbordam em mim ao rememorar-lo. Foi o aniversário do meu irmão, um dia de música, com as mulheres da família em coreografia, bailando nosso *niswaniyyah*. Enquanto dançavam, na mesa, sempre farta, o pão ázimo fazia-se presente, assim como o cordeiro e os outros quitutes, que aguardavam o momento de sentarmos-nos juntos. À nossa maneira, toda preparação e cuidado com a execução deste rito era um esforço intenso a fim de manter aceso o fio de tradição que ainda restava numa família libanesa deslocada de sua terra natal. Os motivos dessa vinda, porém, permaneciam recolhidos apenas na memória da minha avó. Sobre isso, jamais podíamos interrogar.

No mais, constituímos uma família miúda, reduzida a poucos irmãos e primos. Indivíduos mais jovens que, por diversas vezes, já tentaram se esquecer da tradição árabe imposta a nós. Embora a contaminação de culturas fosse natural, render-nos aos costumes dos trópicos era, para minha avó, não sei por qual razão, renegar o nosso passado e não ser digno de sentar-se a nossa mesa. Porque enquanto pôde, ela fez questão de manter os hábitos libaneses vivos em nossa rotina. Afinal, como constantemente nos dizia com firmeza: façamos do Brasil, do chão desta casa, nossa terra prometida, mas não deixemos, nunca, de olhar para trás. Mas a verdade a respeito do passado sempre fora um céu nublado.

Com certo desgosto e contrariado, morei nesta casa até os onze anos. Eu vivia com minha avó, minha mãe e meu irmão. Éramos nós, apenas nós, e todas as mil e uma noites dos contos de Sherazade, todas as superstições e os esforços para que permanecêssemos, ainda, com um pé fincado na terra mediterrânea que nunca conheci. Pouco me lembro com confiança deste tempo ido, dos detalhes vividos com minha avó na infância. Na verdade, não sei em até que ponto posso acreditar

em minhas lembranças, em minha capacidade de revisitar informações passadas. Apesar da dubiedade, continuo escrevendo, acreditando que a ficção possa me indicar todas as saídas.

Enquanto fui criança, enquanto a idade poderia ser uma desculpa, eu me recusava a gostar dos momentos nos quais minha família se reunia em festas. Às vezes, sei que é preciso aceitar que, por imaturidade e teimosia, eu abri mão de experimentar a poesia dos dias em casa, instantes que não retornam precisos na memória simplesmente porque ela é impura. Não imaginei que, hoje, no instante em que este lugar para onde retornei estivesse vazio por não ter quem o habitasse, quando a luz esmaecesse, eu sentiria falta das horas em comunhão, um tempo que se esvaiu lentamente sem que eu pudesse me dar conta.

Naquela época, minha quietude aturdiu a todos. Nos encontros, em casa, alguma voz entre os familiares sempre se lançava a me convidar para as brincadeiras e danças. Saia dessa toca, eu ouvia. Venha para cá, insistiam. Entendo, agora, com resignação, que, de algum modo, todos estavam certos. Minha família, com o coração aberto, insistia para que eu me movesse, saísse do meu casulo inventado. Entretanto, algo dentro me consumia, bloqueando-me, então eu sequer dava ouvidos. Fincava-me no sofá, ou, para me esconder, trancava-me em algum dos armários e ali permanecia, em silêncio absoluto, até que notassem a minha ausência e, a contragosto, resgatassem-me da escuridão.

Meu coração palpitava na crueldade que eu mesmo criara contra mim. Eu respirava fundo, expirava um ar triste e solitário. Ficava em tremeliques ao pensar que, ao dar as caras, inevitavelmente eu ouviria comparações em relação ao indivíduo que ocupava o posto de meu irmão. Não era fácil para mim ficar escondido e enfezado o tempo todo: o ritmo árabe da música me envolvia, fazia-me querer largar todo o meu orgulho e me juntar à ciranda, bater os pés no solo, levantar o pó da terra desde os calcanhares até a boca, aspirar a poeira seca, pisotear o chão na cadência da melodia.

Extasiado pelo som do alaúde, sob o ipê de folhas verde-limão, meu irmão tomava a ponta do semicírculo na dança. Era sempre ele, e com profunda

graciosidade, o nosso *raas*, conduzindo os outros através do girar de sua mão direita. Rodopiava o terço de madeira, feito com trinta e três contas pequenas, trazido por minha avó de um outro tempo. À sombra da árvore, sentado no gramado ressequido, o tempo escorria lentamente pela paisagem, dotado de vida, enquanto eu, em silêncio, ao lado da minha mãe, não podia compreender a origem e a permanência daquele sopro de felicidade que invadia a casa e, como um golpe, tomava a todos, menos a mim.

De longe, ressentido por meus pés não se juntarem àquela dança, tão diferente mas tão nossa, assisti durante horas à alegria alheia. Ouvia sons vivos, alaranjados, vindo dos instrumentos de corda e sopro. Isolado, eu desejava, no íntimo de mim, agarrar com força, pela mão direita, o nosso terço imigrante, nosso *masbaha*, e enfim, sentir-me ocupando o meu lugar na família. Permanecia sem me mover. Por mais que eu quisesse, por mais que eu dedicasse meu tempo a imaginar projeções futuras, reavendo o meu lugar na roda, o ódio me impedia, me paralisava. Reprimia meu desejo todas as vezes que, inesperadamente, eu mesmo me comparava ao meu irmão e via que, preso ao orgulho, concretado em rancores, eu jamais poderia ser como ele.

Nós chegamos ao mundo com um ano de diferença. Do nascimento aos onze anos, convivemos no mesmo ambiente. Desde então, ficamos longos anos sem nos reencontrar. Foi apenas por ocasião da morte da nossa avó que, novamente, nós nos olhamos. Poucas foram as recordações que mantive sobre seu jeito, sempre torto e, a meu ver, mentiroso. No entanto, desde que éramos crianças, a semelhança dos nossos traços físicos era curiosa. Ainda hoje, quando me olho no espelho, imagino que um outro eu vive sozinho em algum lugar do mundo. É como se eu jamais pudesse vir a ser alguém singular, único. De modo traiçoeiro, meu irmão roubou tudo de mim enquanto pôde.

Não sei até que ponto eu o odiava, ou se eu enxergava nele tudo aquilo que eu queria ser mas não podia. Sorrateiro, ele angariou os olhares da família. Tomou para si as expectativas de sucesso, os sorrisos e, talvez, por ironia do destino, roubou até minha feição. Não há, portanto, necessidade de que eu me apresente em descrições pormenores neste texto: todas as vezes que eu escrever sobre o meu

irmão, todas as vezes em que eu desenhar a sua imagem física, é como se, ao mesmo tempo, eu estivesse também me desenhando. Em meio às semelhanças, esculpidas com pesar, nossos corpos, como se fossem apenas um, atravessarão juntos as páginas deste romance.

07.

Minha memória falha todas as vezes que tento me recordar com precisão da infância. Quando surge um abismo na reconstrução de algum episódio específico, paraliso-me com certa inquietação, esforçando-me em vão para alcançar possíveis esclarecimentos. Quando a língua me derruba, vence a batalha, busco me manter calmo, acreditando que a arte de escrever ficção poderá me impedir de despencar no vazio da verdade. De fato, o ato de escrita é um operador de trânsitos. E por sua natureza avassaladora, acaba deixando um rastro de destruição atrás de si.

Entretanto, a linguagem artística torna-se uma potência. É salvadora e, sobretudo, criadora à medida que dá acesso não só aos lugares do caos, ao passado obscuro, mas também aos espaços de renovação da vida, de criação de realidades. Permito-me, então, reinventar e reinterpretar a história dos meus antepassados, desconfiando de que, no texto, a exatidão às vezes escapa. De certo modo, nestes dias de escrita, quando enfrento o medo da ficção sobrepor-se à verdade, Marcel Proust fala baixinho no meu ouvido esquerdo: “a verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens”, jovem escritor, “e sim em ter novos olhos”.

08.

No último aniversário que passei nesta casa, minha mãe preparou um jantar. Reunirmo-nos em volta da mesa era acontecimento por demais calmo tendo em vista as comemorações da minha família. Apesar da aparente tranquilidade, os jantares não eram menos tradicionais. Do meu jeito torto, eu sempre fiz força para ser impermeável à atmosfera árabe, como se relutasse em passar adiante uma herança simbólica, que não fazia sentido para mim. Foi minha avó que imigrou, não eu, pensei insistentemente durante muito tempo da minha vida. Somente anos mais

tarde compreenderia que de certos costumes não conseguimos nos desvencilhar, por mais que nos esforcemos para tal. O que me espantava, porém, enquanto menino, era a cobrança, por parte de minha avó, para que eu exercitasse uma postura artificial, que, a seu juízo, deveria ser inata. Mas não era, nunca foi, aliás. E eu não servia para atuar.

O lugar da ponta da mesa, nos jantares de aniversário nas famílias árabes, é destinado a quem completa anos. Naquela noite, o assunto à mesa eram projeções para minha vida. Era necessário que todos falassem de mim, ainda que meu irmão tentasse forçosamente redirecionar a atenção para ele. Observando-me com seus olhos fixos, lançados feito pedra em minha direção, minha avó mantinha-me quieto. Entretanto, num determinado momento da noite, em meio à conversa, ela disse a todos em tom firme: daqui a pouco meu neto mais novo também estará tomando as decisões desta família. E todos riram de mim. Aquelas palavras me paralisaram. Mais uma vez, a cobrança me incomodava. Cobria-me com o peso de uma responsabilidade que não me dizia respeito.

Tomar decisões pela família? Questionei a todos, sem meias palavras, sem medo de uma possível reprovação. Não quero decidir nada por ninguém, rebati. Pensando com mais sensatez, se a consciência já tivesse me chegado aos recém completos onze anos, talvez eu replicasse a atribuição que me foi dada de modo diferente. O conteúdo da mensagem ainda seria o mesmo, provavelmente, mas o tom com certeza seria outro. Naquele momento, em público, confrontar minha avó era inútil. Seria melhor, ainda que contra meus impulsos, não retirar do castelo uma carta, evitando assim o desabamento paulatino da minha família.

A verdade é que eu fui criado em um ambiente que, devido à insistência nos costumes libaneses, recusa a ideia de igualdade de direitos entre homens e mulheres. A máxima que afirma que o homem é o senhor de seu próprio cavalo, senhor da casa e provedor da mesa fazia muito sentido entre meus familiares. Principalmente, essa ideia se reforçava numa conjuntura que, à época, as mulheres foram as únicas que restaram vivas. Aos homens, resumidos a meu irmão e a mim, estava reservada a expectativa de dar continuidade a uma tradição mediterrânea firme. Porém, se eu não me sentia pertencente àquela linhagem, se a hereditariedade

não me era cara, por que aceitar um fardo tão pesado? Eu queria ser senhor de minha vida, apenas de mim, e assim decidir o que fazer com todos os costumes que me foram impostos até aquele instante.

De modo bruto, após a minha resposta, o clima à mesa mudou. Pela inconsequência do que foi dito, ou pela forma pronunciada, sem prever o estrago futuro que me causaria, fui repreendido em silêncio pelo sério olhar de todos. A partir daquele minuto, a conversa abaixou o tom, interrompeu-se depois de uns poucos elogios ao tempero do *bukhari* e ao frescor da noite. Agora, ao reconstruir essa cena, imagino que, naquele exato segundo, meus parentes, convidados da minha avó, num movimento automático, terminaram a comida, repousaram o guardanapo sobre a mesa e, com pedidos de licença, retiraram-se da sala de jantar, apressando a despedida. Minha memória, muitas vezes, não dá brechas para a ação de personagens secundários. Invento-os ao meu modo.

Sejam justos: por mais que eu consiga narrar essa cena em minúcias, aproximando todos os detalhes, não sei se posso confiar na veracidade dessas circunstâncias, ou se isso é apenas uma interpretação conveniente para a construção desta narrativa. Verdade seja dita: em inúmeras vezes, chego a duvidar do que eu mesmo afirmo e, sem alternativas, escrevo equilibrando-me no limiar de uma espada afiada, evitando cair em abismos infundáveis e desconhecidos. Ainda assim, apesar do risco, prefiro desconfiar de minhas palavras do que da palavra dos outros. Dos males, aceito o menor.

09.

Talhada em madeira escura, a porta de entrada da casa de minha avó é pequena e espessa. Construí-la assim, como uma fortaleza, era uma medida fundamental para que o orgulho da discricção impedisse que qualquer imagem do interior da nossa habitação, ou de nós mesmos, chegasse aos olhos da rua. Nas paredes, revestidas por incontáveis camadas de cimento, o objetivo mantém-se o mesmo: nenhum ruído pode ser escutado de fora, como a tradição sírio-libanesa nos dita. Sempre escutei de minha avó, que dizia ter aprendido com seus pais, que os bastidores da nossa história não dizem respeito a ninguém.

Mas como viver preso num casulo repleto de regulações? Se porventura eu a questionasse, ou comparasse a nossa vida à de nossos vizinhos, prontamente ouvia com rispidez o tão desgastado e enfadonho *maktub* – está escrito, e sobre nada mais eu poderia perguntar. Para escrever este livro, portanto, preciso contornar os costumes da minha família e, nessa tarefa, expor aos olhos e ouvidos de desconhecidos uma história trancada a sete chaves. Talvez, sorrateiramente, antes que eu possa evitar, o ônus desta narrativa venha a galope até mim. E dele, infelizmente, não poderei me esquivar ou me esconder para sempre.

10.

Haviam-se passado muitos anos. Apesar do longo tempo, com certa dificuldade, eu ainda posso rememorar o jantar do meu aniversário sem saber se os detalhes fazem parte do resgate da minha memória ou se são artimanhas da imaginação. Pelo menos, de algo tenho certeza: no caminho até a porta, acompanhando as visitas que se despediam, minha avó me petrificou com seus olhos e cuspiu em minha direção uma frase crua e avassaladora: você, menino, você é um mau agouro.

11.

Dentro de mim, dissemina-se o temor de continuar experimentando estas palavras traiçoeiras. Sinto um desassossego constante de dar prosseguimento a minha pulsão criadora e, assim, expor um passado que não pertence somente a mim. Se realmente desejo escrever esta história, abrir as portas da casa da minha avó, quebrar o muro de discrição que ela construiu com as próprias mãos, sei que preciso aparelhar-me para o caos.

Ciente das longas lições que encontraria na escola, sabendo dos infundáveis deveres que seus irmãos mais velhos tinham de cumprir, um menino recusava-se terminantemente a aprender a ler e escrever. Ele insistia na abstenção das palavras escritas. Ainda que recebesse constantes ameaças e castigos vindo de seus pais, o menino negava-se ao domínio da linguagem. Continuava resistindo a pronunciar a

primeira letra do alfabeto – o *alif*. Sem saber como lidar com tamanha resistência por parte do aluno, o professor comunicou o fato ao pai do menino, que imediatamente, como castigo, surrou suas pernas com um cinto. Em seguida, porém, o pai dirigiu-se novamente ao filho tomado por um forte arrependimento. Por que você tem medo do *alif*, filho meu? Saiba que o *alif* não pode lhe fazer mal algum – o pai pronunciou com remorso e doçura. E eis que o filho, com os olhos ainda marejados, arrebatado por um pungente temor, respondeu ao pai. Eu não tenho medo do *alif*, meu pai. Eu tenho medo do que vem depois.

12.

Quando eu era apenas um menino, minha avó constantemente tentava me passar os seus costumes mediterrâneos. Dizia: nunca reveles os teus segredos em voz alta, nem que seja em um deserto rodeado de colinas. Nunca te esqueças, ela continuava, o eco poderá propagá-los para longe, leva-los para além de onde teus ínfimos ouvidos poderão alcançar.

13.

A decepção rompeu a tênue membrana que havia entre mim e minha avó. Depois do jantar, assim que as visitas deixaram a casa, exatamente no segundo em que o trinco da porta garantiu nosso refúgio e nossa segurança, minha avó e eu tivemos o que considero nossa única briga. Na falta de alternativas, sentado num sofá marrom, eu a ouvi discursar durante alguns minutos. Sem se dar conta, tomada por sentimentos estrangeiros, de modo abrupto e incompreensível, ela misturava, em sua fala, o português com palavras em árabe, excluindo-me do sentido completo dos enunciados. O que eu percebia, porém, é que a semente do caos havia sido plantada por minha resposta durante o jantar. Se houvesse um abismo para onde eu pudesse pular a fim de escapar dali, eu pularia, sem hesitação ou medo da queda.

A sensação que eu tenho hoje, depois de minhas recordações se misturarem, é de que aquela conversa foi interrompida pelo caos. Para minha avó, conservadoríssima, ortodoxa, firme em sua tradição, ela havia sido caluniada, desautorizada em público. Porém, com o álibi de eu ser uma criança, talvez todo

erro cometido pudesse ser perdoado com a promessa de que o ato nunca mais se repetiria. As palavras conferem aos homens a autoria de suas vidas. Sua voz é a chave do paraíso, manifestou minha avó em uma parte de seu discurso, liberando na atmosfera de outubro todo o seu desapontamento. Com esse provérbio, minha família compreendeu, desde sempre, que as palavras precisam ser pensadas e repensadas antes de serem ditas. Impulsos nunca foram tolerados. Nossas falas revelam em pormenores o nosso interior e, acima de tudo, autenticam-nos como únicos escritores de nossa história. E eu havia descumprido este preceito.

A única coisa que se revelava para mim, enquanto minha avó discursava, quase sem fôlego, sem intervalos, era a consciência de que eu precisava manter a calma de quem escuta e aceita. Se sobressaísse qualquer insinuação de resposta, se deslizasse da minha boca uma palavra, por mais passageira que fosse, não tardaria um castigo desdobrado em muitos dias. Eu respirava fundo, contorcía-me, enquanto meu corpo se sustentava trêmulo. Pouco a pouco, inconformado com o que ouvia, senti minha calma ir rareando. E, assim, contrariado, uma resposta escapou de minha boca. Seus ensinamentos não me valem de nada, gritei exasperado.

O que mais me doeu nessa conversa foi o fato de minha avó, sem se dar conta, com o intuito de regular a liberdade das minhas palavras, atingiu diretamente a dor latente da minha vida: minha mãe e o silêncio que ela carrega consigo desde criança. Diante da própria situação de sua filha, sabendo do peso da existência muda de minha mãe, minha avó não precisava dar tanta importância às palavras, eu pensava ingenuamente. Para mim, aquela senhora se traía com as suas próprias convicções sobre a linguagem. Ela se esquecia da realidade vivida por sua filha, que, mesmo com sua surdez e mutismo, constituiu-se autora de sua história.

Nenhuma camisa de força conseguiria conter a minha fúria. Com desespero, diante de tantos equívocos proferidos, diante de tamanha ofensa à minha mãe, berrei com furor que odiava aquela esquálida senhora que estava diante de mim. Com fúria, repeti que não precisava dela em minha vida. E foi com essa fala, tensionada pela cólera, que se fez imediatamente um silêncio entre nós, abrindo um vão obscuro. Uma pequena ferida detém o camelo, lembro-me do provérbio. Por isso, sei muito bem que, com minhas palavras de ódio, posso ter atravessado um limiar

perigoso. Minha avó abusou da autoridade das palavras faladas, assim como também o fiz enquanto tentava repreendê-la.

Quase tudo o camelo aguenta, dizem os orientais. Suporta dias e noites caminhando pelo deserto, sem precisar de água ou alimento. Entretanto, o animal não resiste a uma pequena ferida em seu corpo, por menor que seja. De mesmo modo, aprendi à força, naquela situação de enfrentamento, que as palavras também ferem o corpo, provocam o desânimo. Impulsivamente, o rompante atrevido da minha fala, como ordenou o destino, rendeu-me um forte e derradeiro golpe na boca. E então, como consequência, sem que eu pudesse evitar, longos anos de afastamento se iniciaram neste ponto.

14.

Lembrete: as catástrofes não devem ser esquecidas. Ao contrário, apenas não precisam ser lembradas.

15.

Por algum motivo que ainda me é indecifrável, o mundo parece ter decidido reorganizar as peças do jogo de xadrez no qual se tornou a minha vida. Enquanto me confronto com a esfinge, minha memória desempacota episódios do meu passado que, exalando poeira, provam que não eram remexidos há um longo tempo. No baú de lembranças nebulosas que se tornou a minha vida depois que a morte me destinou a posse desta casa, avanço algumas jogadas, mexo na estratégia, contamina algumas recordações e, às vezes, experimento o frescor de forjar a existência de uma infância como agouro. Caminhando no universo da escrita, controlável até certo ponto, invento uma trama que, apesar de ainda ser instável para mim, soa muito mais prazerosa aos meus ouvidos do que a noção de verdade. Fingindo ser quem eu não sou, quem eu jamais fui, rasgo em pedaços minha história com as mãos sedentas da ficção – esse motor artificial que me rouba o ar enquanto, contrariamente, ainda me mantém respirando.

Haverá, afinal, como colocar rédeas em pensamentos, que, de tão sorrateiros e ligeiros, criam suas próprias regras no jogo? De pouco em pouco, na penumbra assustadora de minha casa, tudo o que escrevo parece entrelaçar-se, confluindo, enfim, para uma trama final que ainda não avisto com precisão, mas cujo cheiro, de especiarias árabes, de incensos fortes, propaga-se no ar. No vai e vem da língua, tenho aceitado o desafio de desenhar a minha vida sob a luz da invenção, da rasura de minha memória. Decerto, toda história sempre será mal contada. E a verdade, apenas aquela que eu escolher desobstruir ao longo desta jornada artificiosa de escrever ficção.

16.

Àquela altura da vida, a frase que me atribuía o agouro me atingiu como um raio que cai sobre o mar. Esse nome me atravessou com uma violência pujante, provocando uma fúria que eu desconhecia. Era como se a minha avó, sem imaginar o peso das palavras, anunciasse numa epígrafe metafórica o que aconteceria com a narrativa das nossas vidas a partir daquele instante. De algum modo dolorido, nosso elo se rompeu numa frase impetuosa, como todas as que convidam o leitor a aventurar-se nos descaminhos de uma tragédia, um drama familiar. Sem saber, minha avó começou a esboçar um outro rumo para a nossa história, porém com os personagens protagonistas distanciando seus corpos, acabando com aquilo que os romances afirmam ser o amor.

Por um longo tempo da minha vida, sem compreender muito bem, carreguei nas costas o peso das palavras que ouvi. Por noites a fio, em claro, refiz na memória a cena daquele jantar derradeiro. Listei todos os resquícios, todos os detalhes, percorrendo com minúcia as falas proferidas. Repetia essa tarefa até que a minha mente se esgotasse e, assim, completamente exausto, eu caísse perturbado no sono. Porque era necessário, para minha história, buscar algum esclarecimento, uma justificativa, nem que fosse mística, para que uma criança de apenas onze anos fosse apontada como indício de mau agouro numa família. Entendia tudo aquilo como uma desfaçatez de minha avó, que, inabalável, dispôs em mim um peso maior do que meu corpo podia carregar. Afinal, faltava uma razão para a entrega de um fardo tão pesado a uma criança.

É crueldade impor a um menino essa marca. As palavras, então, passaram a me assombrar. Por isso, em um determinado momento, cansado de concatenar esclarecimentos, parei de perseguir uma explicação para aquela ameaça antiga, guardada numa frase onde a verdade se desmancha em incertezas. Não sei quem cumpriu o papel de agressor e vítima nesta história de infância. Para este momento, atribuições e rótulos não são importantes. O que quero escrever, até este ponto, não é um romance policial. Pouco me interessam investigações de crimes e revelações de malfeitor. Esse caminho é bastante estreito e, honestamente, reconheço que não estou em posição de julgar ninguém.

Pode ser que a resposta, o esclarecimento que tanto busquei quando criança, surja daqui a algum tempo, do próprio desenvolvimento desta escrita. Não dou por encerrada a inquietação, e assim o mistério continua vivo. No entanto, no empenho de registrar minhas lembranças no papel, forjando meu perfil de personagem protagonista, é que vou acabar inventando a melhor tática para lidar com o passado – aquela que enfrenta as cifras com coragem e sem desmanchar os enigmas. Por hora, até aqui, no que está posto entre o título do texto e esta linha do romance, deixemos nas mãos do acaso a responsabilidade pelo esclarecimento.

17.

Destranco todas as entradas desta casa para que, sem aviso, as mentiras possam invadi-la de uma só vez.

18.

Passo a passo, linha a linha, uma de cada vez, tenho criado ilusões sobre meu passado. Venho aproximando-me desse Líbano inventado, arrastando-o pelo oceano e trazendo-o para dentro das páginas deste romance. É um tempo bom para forjar a minha própria terra prometida, sem saber, ao certo, o gosto agri-doce que tudo isso poderá ter no final da narrativa. Para aplacar a minha pressa de cruzar a linha de chegada, abrandar os meus ânimos, acabo indo ao encontro de alguma ficção que me acalme. Busco mergulhar em histórias que, no labirinto dos capítulos,

possam me empurrar para frente e me dar coragem para continuar. Escolho, no meio de minha coleção, uma narrativa antiga, um livro no qual eu percebo, nos corpos ali delineados, a sensibilidade da mão que os traçou. “Não precisa correr tanto”, disse algum personagem oblíquo da obra de Machado de Assis: “o que é seu às mãos lhe há de vir”.

19.

Do lado da porta, em um móvel empoeirado, descansa um Alcorão. Ele está, há muitos anos, aberto na mesma página. Todas as vezes que aparece, a luz alaranjada da tarde, invadindo timidamente a sala pela janela, ilumina exatamente um trecho do livro onde está escrito: “quanto ao ladrão e à ladra, decepai-lhes a mão, como castigo de tudo quanto tenham cometido; é um exemplo, que emana de Deus, porque Deus é Poderoso, Prudentíssimo”.

20.

Se esta história for verdadeira, se a senhora realmente estava ali, consciente, firme e frágil, em estado de suspensão, eu a abandonei na última hora. Naqueles dois dias de ausência, apropriei-me e dispus de sua recusa em encarar o que restou da sua matéria. Não quis vê-la em ruínas. A sensação de encostar nas suas feridas, ainda que invisíveis, era devastadora para mim. E por mais que eu explique todas as minhas justificativas, todos os motivos que me afastavam do seu quarto naqueles dias cinzas, elas pouco importarão diante desta escrita que agora faço para perpetuar sua memória.

Lembra-se do dia em que a senhora saiu do hospital e voltou para casa? Era uma tarde cinza, deveras chuvosa, e com esse cenário nós tivemos o que foi nossa última conversa em presença. Quando cheguei à porta do seu quarto, meu olhar foi capturado pela sua magreza, pelo seu recolhimento. Fui lançado ao chão, derrubado por um teto que desmoronava e quebrava meus ossos. Estávamos, ali, apenas nós e a imagem do seu corpo retorcido, sua enfermidade aparente e toda a impossibilidade de reversão da dor. Penso que foi exatamente neste momento, minha avó, que iniciei a invasão nesta história que é sua, mas que penso em contá-la, por mais que você

seja contra esta empreitada. Àquela altura, porém, a realização desta escrita era impensável para mim. E eu não arriscaria cometer outro erro.

Com calma, na intensidade minuciosa do que sabíamos ser o nosso adeus, olhamo-nos durante alguns minutos – ou talvez por horas. Não posso afirmar mais nada sobre o tempo. As horas moviam-se pela nossa pele, num fluxo intenso de despedida; sua medida era inapreensível. Nossos olhos, desde sempre, corresponderam-se em silêncio. Entretanto, enquanto eu desenhava na minha face um sorriso plácido, tentando esconder as lágrimas, disse-lhe uma mentira: afirmei que tudo ficaria bem. Recordo-me de que, em seguida, sem conseguir me conter, agarrei-a num abraço que só não foi correspondido porque não havia força da sua parte. A dor da despedida era voraz e incontornável. Naqueles instantes, parecia que uma peste corroía as minhas vísceras e, em sua violência desmedida e ruidosa, não poupava sequer minha alma.

Escrevo para suturar o tempo. Na mente, na grafia, quero recordar-me da sua voz, abrir um diálogo menos vazio com um corpo que já se foi. Eu lhe deixo esta casa e toda a minha vida, você me disse, esforçando-se para que o som pudesse chegar até a mim. Não despoeve esta casa, você me pediu. Se for preciso, divida-a com seu irmão, abrigue sua mãe, faça o que bem quiser, mas prometa que não deixará de habitá-la, a senhora implorou. Caminhando em sua direção, elucubrando quais palavras poderiam ser reconfortantes, reparei nas cores em sépia do seu quarto e pensei se eu conseguiria retornar aqui depois que a morte aplacasse as dores de seu corpo. Logo agora, que estávamos novamente juntos, você partia sem retorno.

A senhora acreditou no que lhe respondi? Aos pés de sua cama, sentindo o ar abafado do seu quarto, lembro que lhe disse que não havia motivo para se preocupar. Nós estávamos na nossa casa e ali permaneceríamos. Eu jamais abandonaria a sua história. Meus passos nunca deixariam de caminhar por esta casa. Não sei se a recordação ainda lhe é viva, mas, mesmo com as minhas palavras ternas, você insistiu para que eu promettesse. A potência das palavras mantinha preciosa, e cabia a mim honrar esse costume como um último pedido.

Eu lhe prometo, respondi como um tiro. Então, com a concisão que vazava por seus poros, nossa conversa foi interrompida. O tempo suspendeu-se com uma frase sacra, feita em sua língua, selando enfim o segredo de nossa união. Não sei para onde você voltava falando daquele jeito, professando a frase-enigma que tanto me redemoinha hoje. Naquele intervalo de vidas, envoltos pelo som mediterrâneo, o som da infância, tornávamo-nos cúmplices nesta tarefa de escrita. Enlaçávamos nossas mãos em torno desta narrativa, que, de alguma forma, escrevemos juntos, salvando a nossa história do apagamento, da morte, do fim.

21.

Carrego comigo, desde a infância, uma ferida que parece não ter cura. Não sei se essa incisão já habitava o meu corpo antes que eu a percebesse. Talvez ela estivesse o tempo todo comigo, desde o instante em que vim ao mundo, pondo-me à espreita do dia em que, subitamente, supurasse. Sinto que foi preciso submeter-me a um episódio específico, o desencadeamento de uma briga, talvez, uma frase-golpe desferida, para que minha chaga pudesse se tornar aberta e aparente. Uma faísca, um acontecimento inesperado, um episódio que vem da ordem do sentido. Em um determinado dia, além do meu domínio, algo simplesmente mudou. Foi ainda criança, aos onze anos, que me dei conta dos danos que, em sigilo, acumulo marcados em mim. Possivelmente, essas chagas me acompanharão pelo resto da vida. E esse talvez seja o verdadeiro motivo pelo qual, tanto tempo depois, até hoje, eu só consigo oferecer a todos a minha volta precisamente aquilo que recebi.

De nada adianta eu tentar evitar. Reconheço que só poderei passar à frente, como herança, exatamente aquilo que me foi dado. Por isso cometo tantos erros, repito meus equívocos. No fim das contas, ainda tentando me esquivar da colisão com certos obstáculos da vida, percebo que a cada passo que dou, imperceptivelmente, acabo causando outras feridas aos meus familiares. Sem conseguir evitar, permanecerei durante a vida toda, todos os dias, tentando ao máximo consertar tudo aquilo que causei. Creio que pedirei desculpas reiteradamente, feito um disco riscado. Continuarei tentando reaver todo o prejuízo causado por mim, consciente de que, às vezes, com o gesto de pedir perdão, acabarei dando origem a danos ainda mais profundos àqueles que amo.

22.

Desacreditando de que conseguiria, retornei para esta casa. Mas desde o dia em que me mudei para cá, o silêncio da noite às vezes desperta em mim sensações outras que me deixam insone e alerta. Para que meus limites não se esgotem e eu me apazigue comigo mesmo, todas as noites, antes de ir para a cama, repito-me como um louco que se desdobra em sua insanidade: num ritmo compassado, caminho do quarto à sala e, em incontáveis vezes, reforço o trinco das janelas empoeiradas. Sujo meus dedos, não me importo.

Procuro na estante o molho de chaves. Insiro-as em suas respectivas fechaduras, verificando uma, duas, cinco vezes se for preciso, que elas de fato estão trancadas. Bloqueio todas entradas que são possíveis. Depois, como quem esconde seu bem mais precioso, meu reverso mais precário talvez, procuro um esconderijo, um lugar guardião para as chaves. Quero sempre descobrir caminhos sem atalhos, que só sejam visíveis na manhã seguinte, à luz da recompensa por estar vivo. Esse devaneio me salva do perigo desconhecido e, ingenuamente, mantém meu templo desassombrado dos olhares do outro.

Grudado à minha sombra, o pavor desta noite me perturba ainda mais. Do lado de fora da casa, invadindo o ambiente pela fresta da janela, o alaranjado da manhã desponta e eu ainda não adormeci, apavorado, arroxeadado pelo medo das reticências que a minha história pode ter caso o mistério se concentre realmente em um ser enigmático. Sinto que há algo de estranho neste quarto – um organismo mecânico, um corpo inumano, faminto e robusto, que a passadas largas se aproxima lentamente e se ergue como um arranha-céu diante de mim. Se tivesse coragem, pensava numa estratégia de fuga. Levantava da cama, encontrava o diário da minha avó, fugiria desta cela que eu mesmo criei. Se fosse possível, não pensava em mais nada: arrombava a porta e correria para longe desta casa que, ao invés de me manter seguro, trancou-me com outra matéria taciturna e irreconhecível.

Permaneço paralisado no colchão. Assemelho-me à palidez e à imobilidade dos objetos que ornaram o ambiente ao meu redor. Assim, sinto que me transformo em qualquer coisa que não homem. Sei que estou num leito, empacotado, preso ao

lençol, que úmido de suor – esse fluido que testemunha o peso do ar e inunda meu corpo – revigora o elo inquebrável entre mim, esta casa e todas as suas cores opacas. Ao mesmo tempo que não posso correr, minha carne permanece tímida, permanentemente trêmula, e o pavor preenche os espaços que ainda restam vazios, seja no quarto ou em meu corpo.

Tenebroso e sombrio é esse fogo que queima nessa presença enigmática, que se esguelha e me olha, com seus olhos de caçador, olhos perspicazes, olhos felinos. Um ser cuja presença resseca minha pele, deixando-a cadavérica. Meus braços, embora presos ao dorso, debatem-se autônomos. Talvez minha imaginação esteja comandando este mundo sem órbita. Minhas pernas, já não as sinto. Fico deitado e não dá mais para convencer-me de outra coisa: a consciência me afirma que algo monstruoso, pouco a pouco, vai arregaçar o meu peito e, sem hesitar, atravessará o meu corpo de uma ponta a outra, de uma só vez.

A qualquer momento posso ser sufocado e dilacerado por algo inespecífico. Uma presença animalesca que se abeira e me calcula, que me desloca de homem para presa, acuada de pavor e em posição de desvantagem. Espalha-se o sangue pelas arestas do meu corpo, o líquido corre sucessivamente embriagado enquanto digo a mim mesmo: não sei mais onde me situo. Ao meu redor, o quarto parece se redesenhar em traços abstratos, uma combinação do que é irreal e inconsciente. Como se fosse um quadro surrealista, eu sentia que aquela sensação afastava-se das exigências da lógica e da objetividade. Ainda assim, tudo era muito real. Naquela situação, em uma velocidade incalculável, o medo levava minha respiração a um ritmo desmedido, sem que eu pudesse encontrar alguma explicação.

Sinto um frio espinhal, um forte medo da dor que posso sentir pouco antes de uma possível morte. Penso na tortura, no despedaçamento da pele, dos órgãos, do desfalecimento. Com um pavor indescritível, lembro da possibilidade de não conseguir chegar à conclusão desta narrativa. Estivesse minha avó aqui, eu pedia socorro, berrava o mais alto possível, esperneava por ajuda. Sei que não há ninguém nesta casa. Não há meu irmão, não há minha mãe, que mesmo se estivesse, só ouve o exasperado silêncio de si. Se porventura eu morresse agora, escondido neste

quarto, meu passado continuaria interrompido, não seria mais possível fechar o ciclo de escrita e enfrentar a dor.

Continuo firme feito mármore. Frio e sem paz, permaneço com as pálpebras apertadas, enquanto as pestanas se tremem. No rosto, as linhas de expressão são tão marcadas que, nos corredores que formam, o medo caminha e encontra meu peito sombrio. Deitado de lado, ponho-me na posição de um feto, com a face desfigurada e o abdome contraído. Mas de súbito, um sopro de coragem arrepia minha pele e, então, impulsiono-me para um golpe de defesa. Ainda que eu esteja solitário, sob a égide do acaso, rejunto os restos de mim a fim de que eu sobreviva. Em segundos, planejo me movimentar bruscamente e encarar a criatura que me amaldiçoa e me atormenta e me entorpece num transe quase epiléptico.

Finalmente, meus olhos se abrem. Mudo a posição do meu corpo. Com a imagem desfocada, a nitidez vai surgindo e ganha espaço. Através da paleta de negro e laranja que se estira paulatinamente no universo particular do quarto, experimento a sensação de despedaçamento. Debaixo do mesmo teto, não há ninguém além de mim. Estou completamente sozinho, com os músculos distendidos, o cabelo ensopado, a espinha dolorida. Levanto-me num salto, apalpo-me e me estiro, como se a graça transbordasse no ambiente. Giro o corpo de um lado para outro, ainda meio instável. Em pé, paro diante do espelho. Que sublime é a emoção de estar vivo, digo em voz alta para acabar com a sensação de esgotamento que pairava em minha garganta. Pelo reflexo, percebo-me inteiro, com a vida costurada a minha pele. De súbito, percorro o olhar pelo meu corpo. Direciono as retinas para baixo. Observo o caminho do meu braço, de uma ponta a outra, e, então, vejo a imagem que me paralisa. Sentindo um vazio escorrer pelos ossos, falta-me a mão direita.

Entreato

Por mais que você me imagine, você não pode me ver. Na verdade, você sequer me conhece, do mesmo modo que me oponho a conhecê-lo. Você não sabe nada de mim além do pouco que decidi inventar até este ponto da trama. De tudo o que você sabe, quase nada é verdadeiro. Sem se dar conta, você amarrou suas mãos às minhas, caminhou ao meu lado por cômodos de uma casa ignota. Pisoteando o meu passado, você se deslocou para dentro da minha estória, respirando a poeira de um momento cujo desfecho ainda é incerto.

Dia após dia, na sua companhia, mesmo que à distância, venho lhe contando o que vivi. Ou melhor, venho lhe narrando o que, por conta própria, decidi viver neste romance. Diante do meu caderno, construí uma individualidade inventada, talvez o que acabou provocando a existência de uma família imigrante e de um irmão. E, assim, seguimos em frente nesta história, avançamos pelas linhas a passos largos. Lado a lado, percorremos os caminhos da minha imaginação, pelos caminhos conflituosos entre a mentira e a verdade. Estendo meu braço esquerdo sobre seu ombro, continuamos andando, ainda que que você não possa me ver.

Você não me enxerga porque não tenho um corpo. Nunca tive, aliás. Eu sou apenas uma voz. Bem verdade, sempre fui apenas uma voz. A mesma que tentou, até este ponto da narrativa, desencavar da terra seca a semente de silêncios que foi plantada no solo da família que criei para mim. Apenas uma voz, e não posso ser outra coisa senão uma voz. Por esse motivo é que esparramo minhas palavras em tantas repetições, em incontáveis explicações exaustivas para tornar a falar a mesma frase. Não quero ditar modos de leitura, mas não sei discursar de outra maneira. Sou uma voz, tenho sido uma voz desde que vim ao mundo. Sem possibilidade de escolha, eu sou uma voz porque minha mãe não escuta. Não posso ser outra coisa porque minha mãe não fala. Minha mãe apenas arrasta-se pela vida. Sem escolha, ela caminha lentamente, em silêncio, carregando sua surdez como um bloco de cimento acorrentado aos seus pés.

24.

Minha avó morreu de câncer. Ou melhor, como soa reconfortante aos meus ouvidos, o câncer matou a minha avó. Foi aos poucos, corroendo-a por dias vagarosos, sem pena alguma do seu corpo frágil. Retirou de sua matéria toda a vitalidade, devastando o máximo que podia – tecidos, músculos, órgãos e ossos. Escrevo, por essa razão, que foi o câncer que, no seu ímpeto traiçoeiro e imprevisível, matou a minha avó. Recuso-me a colocá-la como agente da ação dessa doença, esse fardo que, como numa roleta russa, de modo irracional e não raro inexplicável pela ciência, escolhe quem irá desenganar. Enquanto a doença avançava, era difícil dizer a intensidade das dores ou suas complicações exatas. Porém, de mãos atadas, minha avó sofreu desamparada a devastação pela doença.

Sem escolha, ela foi um sujeito paciente da ação daquilo que internamente a corroía e a arrastava para dentro de um abismo. Não existia um modo dos tumores serem evitados, ou das dores serem amenizadas, por mais que persistisse sua ânsia de continuar lutando contra a doença. Assim, só posso escrever deste modo: o câncer matou a minha avó. Sua história acabou assim, imersa numa densa camada de tumores. Finaliza com sua vida sendo interrompida pelo silêncio, tornando-a invisível ao mundo. Fazendo-a, enfim, exclamar suas últimas palavras na língua que a consolou. Dos danos que carrego em meu corpo, essa ferida pode ser, ao fim, a única com a qual não consigo lidar. Então ainda sofro, a dor dura até hoje, como se escutasse sua voz ao longe. Como se permanecesse repetindo a frase obscura e forasteira que ainda não consegui decifrar.

25.

Faz-te pó debaixo dos passos de tua mãe. Nessa peregrinação, o paraíso estará onde pisarem os teus pés.

26.

Das vezes que ele deitou ao meu lado na cama, seus pés alisaram os meus. Não haviam se passado três dias da morte da minha avó quando meu irmão retornou para esta casa. Em uma manhã, a campainha tocou duas vezes, e, atrás da porta, estava ele, com seu corpo firme, pedindo abrigo a mim. Ele falava pouquíssimo, parecia ainda estar com o corpo quente da viagem, cansado do trajeto percorrido. Talvez, foi por isso que não arrisquei iniciar nenhuma conversa sobre o que foi vivido por nós durante o hiato que estabelecemos em nossa convivência. Parecia que nada ao redor lhe interessava ou lhe dizia respeito, e é possível que a sua frieza fosse seu modo de existência diante de nossa situação. De sua chegada até o momento em que, sem avisar, foi embora, poucos foram os dias em que meu irmão permaneceu aqui, vivendo ao meu lado. Embora a contexto pudesse vir a se ajustar com o tempo, no início ele ainda não estava pronto para viver ativamente o nosso reencontro, então a ele sobrevivia. Restava a mim aguardar.

Quase todas manhãs, acordávamos ao mesmo tempo. Quando ultrapassávamos o momento de sonolência, quando as janelas da casa eram abertas, eu tentava iniciar uma espécie de diálogo. Eu lhe preparava o café com diligência; no mesmo horário, sentávamos à mesa da cozinha, onde parecia ser o cenário exato para uma longa conversa ente irmãos. Embora eu o interrogasse sobre sua vida, ele somente respondia com termos monossílabos, em tom ameno, com enunciados curtíssimos e ásperos. Parecíamos cada vez mais imergir no silêncio da solidão a dois, quando, na verdade, deveria ser o contrário. Eram muitas as coisas que eu queria lhe dizer, falar sobre a família, sobre nossa mãe, sobre o amor que poderia ainda ter restado de nossa relação. Mas, apesar de sua companhia tão forte, estive sozinho em casa.

Foi tudo muito rápido. Era incômodo sentir sua indiferença, sua passividade. Mas eu insistia em nós porque simplesmente era preciso. No fundo, eu considerava a sorte de tê-lo de volta, pensava que não fosse mais revê-lo a partir do momento que soube que ele havia se mudado do país, ido de encontro ao seu destino. Em casa, no armazém da nossa infância, sua presença me trazia de volta à boca o gosto agriado de um tempo ido. Mas, conforme corriam as semanas, o ruído dos

cômodos e o silêncio entre nós ecoava mais forte em meu ouvido. Ao invés de proximidade, de resgate, eu o sentia cada vez mais afastado de mim. Sentia-o ora deprimido, ora ensimesmado, parecendo relutar no íntimo de si contra a pulsão determinante de sua volta.

Quanto aos dias, passavam sem ele sair de casa. Ele permanecia sentado à mesa, no quintal, ocupando o mesmo lugar onde me lembro de ver nossa avó escrevendo. Meu irmão costumava passar a tarde em suas leituras, rabiscando algumas páginas, escrevendo cartas para pessoas que não conheço. Às vezes, ele fazia longos passeios pela casa; parecia procurar algum objeto perdido, ziguezagueava pelos quartos. Em nenhum momento ele perguntou por nossa mãe, pela herança, pelo que havia restado depois que partiu. Era apenas um corpo caído em minha casa, enquanto eu, incansável, tentava me unir a ele. Assim, observando-o sempre, sem aceitar esse incompreensível silêncio, eu pensava, pensava e pensava, questionando-me sobre o que ele fazia novamente nesta casa.

Durante a noite, ele se deitava na minha cama. Simetricamente alinhado, ele respirava ofegante, fora do ritmo, ainda que não tivesse feito esforço algum. Eu ficava à espera de um contato, queria ouvir a voz daquele homem branco e rijo. O que aconteceu entre nós necessitava de explicação, mas ele se recusava a avançar. Era como se naquele momento de se estirar sobre o colchão, às vezes com o corpo encolhido, ele quisesse expulsar da memória algum pensamento cruel que carregava consigo. Imagino que ele repetia para si mesmo, em silêncio, a convicção de que nossa reaproximação poderia ser inapropriada. Depois de tanto tempo, talvez ele pensasse que seu lugar não era mais na antiga moradia de nossa avó. Em carne viva, nossos corpos se exibiam aos olhos um do outro, mas palavra alguma havia entre nós. Era espantoso: em sua própria casa, meu irmão punha-se como um estrangeiro. Como se tivesse trazido consigo, cravado no corpo e não na bagagem, uma outra vida difusa, alheia à história que nos conjugava. Parecia que ele carregava, sobre suas costas, o rancor de uma trajetória indesejada, vivida em outro lugar, enquanto eu, de longe e omissos, nada fiz para revertê-la. Ele era uma parte de mim que eu havia deixado escapar tantos anos antes.

Quase sempre eu esperava que, a qualquer momento do dia, em hora inesperada, ele começasse a falar, vociferar contra mim seus rancores. Durante todo o tempo em que ficamos sem sair de casa, eu aguardei, com ânsia, que ele buscasse reaver nossos dias interrompidos. Dias em que, talvez, precisamos um do outro, mas que, por culpa da nossa infância de desencontros, não nos procurávamos. Em vão. Nenhuma palavra descosturava seus lábios. Quanto mais as horas passavam, mais separados os nossos corpos ficavam. Quase nada eu sabia sobre ele, e sentia que estava vivendo com um homem enigmático sob o mesmo teto. Por mais que o meu sangue fosse o mesmo que corresse em suas artérias, ainda que tivéssemos sido gerados dentro do mesmo ventre, não nos conhecíamos. Éramos dois barcos idênticos navegando sob o mesmo oceano, passando por cima de todas as ondas, mas em direções opostas. Regidos por pontos cardeais diferentes, nossos destinos só se cruzavam no instante em que acordávamos. Uniam-se apenas nas densas manhãs, discretamente, quando eu podia sentir, na minha pele, que os seu pés lentamente acariciavam os meus.

27.

Invento minha própria realidade. Mentir é o único modo que me permite resgatar tudo aquilo que, à força, fora arrancado de minhas mãos.

28.

Não sei se lhe contei, mas estou escrevendo um livro. Comecei há pouco tempo, algo em torno de dois meses, ou quase. Sem pedir licença, um desejo de escrever ressurgiu em mim, atravessando um território da minha vida onde, há tempos, eu costumava resguardar as ações que sempre considerei impossíveis de realizar. De súbito, uma vontade invadiu o espaço onde eu armazenava tudo aquilo que eu achava ser inatingível às minhas mãos. Desde então, escrever tem sido uma experiência de inegável fascínio, um trânsito reconfortante. Às vezes, em incertezas, é bastante doloroso; mas, quase sempre, muito bonito.

Enquanto redijo algum capítulo novo, permutando regras sintáticas, preocupando-me com a sonoridade das palavras, tenho a confiança de que o enredo

do romance veio comigo a este mundo. Como se a trama já estivesse sido escrita em minha pele antes mesmo que eu começasse a redigi-la no papel. Por isso, não raro, sinto como se eu tivesse escrevendo de trás para frente, escrita em espelho. Com cuidado para não me perder nesse caminho inverso, não deixo de atentar-me à superfície do texto, relendo tudo o que escrevi. Mas, quando desatino a redigir por dias seguidos, um receio insuportável me invade. Atravessado pelo medo de não saber tirar proveito do fracasso, afasto-me das palavras para não enlouquecer. Passo dias sem olhar as páginas escritas, e, no intervalo entre o imaginar e o escrever, o texto respira e, sem pressa, me aguarda.

Acho que você sequer imagina, mas houve uma vez, quando eu era criança, que minha avó me questionou sobre o que eu gostaria de me tornar quando fosse um homem adulto. De antemão, antes que eu respondesse qualquer coisa, ela disse que eu sempre teria a liberdade de preparar o meu futuro ao meu modo, escolhendo os rumos que daria aos meus pés em alguns anos. Ela se contradisse tempos depois, incumbindo-me de ser o homem da família. Mas ninguém poderia prever o que viria em alguns poucos anos. Na época, tomado por um desejo que fortuitamente irrompeu em mim, sem delongas, respondi que gostaria de escrever histórias, ainda que eu não soubesse ao certo o que ela pensava sobre escritores.

Décadas atrás, enquanto meu irmão afirmava que iria tornar-se médico ou professor, eu queria escrever histórias. Pensava em ser um explorador do papel e da caneta, desbravador de um território que eu mesmo inventaria. Posso lhe dizer, mãe, que essa não foi uma decisão difícil de ser tomada. Ainda criança, perdido na desordem comum à idade, eu sentia que o meu querer-inventar era uma urgência. Parecia ser uma atividade que chegava a mim de cima para baixo, algo que surge feito esses acontecimentos que irrompem um dia sem mais nem menos, sem qualquer tipo de precisão ou planejamento prévio. Diante disso, como um desígnio, restava-me apenas aceitar o desafio de peito aberto, a seu tempo e sem pudor.

Não havia nenhum contrato sendo firmado. Falávamos apenas de projeções para o futuro. Estranhamente, porém, eu guardava em mim uma espécie de certeza sobre meu desejo de escrita. Eu era muito jovem, ainda não conhecia a engenhosidade das palavras – e talvez ainda hoje desconheça por completo – mas

todos já atestavam que eu possuía uma imaginação fértil e, sobretudo, uma extensa curiosidade pela invenção de outras realidades. Você sabe bem, mãe, eu fiz isso durante toda a infância e ainda com mais frequência na adolescência, com todas as mentiras que inventei para fugir do convívio contínuo com a nossa família. Naquela época, à noite, quando os adultos conversavam, o espaço atrás da porta era o limiar para fabulações, invenções e distorções do meu universo. Escondido, eu não compreendia o assunto, mas, aos poucos, algumas frases curtas iam se revelando, incitando em mim uma vontade de criar minha própria realidade. Ainda que não eu não compreendesse os meus desejos, ouvir as vozes criadoras já valia a visita àquele cômodo, visto de longe, pequenino, mas inteiramente fascinante.

Lembra-se de quando, certa vez, eu peguei o álbum de fotografias antigas da nossa família e, inocentemente, escrevi uma pequena história atrás de cada foto? Eu imaginava que, para as pessoas congeladas pela lente da câmera, o passado e o futuro pudessem ser livremente recriados. Mesmo sem ter conhecido ninguém, eu sabia exatamente o nome de cada um que estava nas fotografias. Há poucos dias, porém, quando reencontrei o álbum, senti uma extrema dificuldade de reconhecer quem era quem. Ultimamente, sinto que minha memória tem falhado, mãe. Entretanto, tenho certeza que foi nesse dia que, após ler as histórias que escrevi, sua alegria venceu o silêncio. Naquela tarde, pela primeira vez, eu pude ouvir você me chamar de filho.

Não sei por que razão, mas até certa idade eu acreditei piamente que redigiria um livro antes que minha avó partisse. Eu imagino que, em seu íntimo, você gostaria que minha história com nossa família tivesse sido acontecido de um modo diferente. Quando eu pensava sobre o livro que eu iria escrever, imaginava que a absolvição dos erros que cometi pudesse vir através da trama que me aguardava com calma para ser escrita. De fato, eu queria inventar, na escrita, acontecimentos para os anos que minha avó e eu estivemos brigados. Como se, ao me criar na literatura, eu nos salvasse do distanciamento. Na verdade, sabemos bem disso, nossa história já tinha sido escrita, ainda que não tivesse sido grafada.

Caso pudesse, antes, colocar em ordem a confusão da minha cabeça, embora sem certeza, possivelmente eu conseguiria apresentar essa história a tempo de

minha avó lê-la. Porém, o tempo passou e, na juventude, minha inabilidade com a escrita foi se erguendo a olho nu. Daí, meu desejo de escrever se diluiu entre as incontáveis situações inesperadas que atropelavam meus dias e me levavam a caminhos outros. A princípio, eu até tentei escrever algumas páginas soltas. Alguns textos inespecíficos, relatos inventados, talvez. Depois disso, convivendo sempre com a ideia de que eu era mau agouro para a nossa família, principalmente após ir morar com meu pai, pouco a pouco, sem me dar conta, fui deixando secar essa vontade de fazer literatura. E secou; aliás, permaneceu seca até agora.

Tardou um pouco, mas o desejo de começar a escrever retornou após a morte da minha avó. Desatino, agora, a redigir frases sobre o que ficou depois de seu falecimento. Porque, desde então, a história invadiu as minhas entranhas com um misto de violência e ternura que foi impossível não começar a escrevê-la. Antes de se apagar, antes dos dias em que minha avó esteve prostrada e em silêncio na cama, paralisada e seca, ela me pediu que eu nunca saísse de sua casa. Embora na escritura do testamento o meu nome constasse para as formalidades, ela pediu pessoalmente que eu promettesse que não abandonaria nunca a nossa casa.

Minha avó insistiu na promessa mesmo sabendo de todos as circunstâncias difíceis que o peso das palavras já havia nos causado. Além de sua solicitação quanto à casa, pouco antes de fechar os olhos, por minutos que duraram anos, minha avó desandou a falar comigo em árabe. Sua língua materna veio em jorro incontornável. Sem conseguir pronunciar uma palavra em resposta, eu aceitei ouvir, com os olhos marejados, o doído lamento feito numa língua que desconheço. Não sei se ela estava desorientada; eu estava de volta a sua casa havia pouco tempo, mas me pego reverberando a ideia de que havia uma forte intenção nas suas palavras. Tudo aconteceu rápido demais, e, afirmativamente, eu só pude conformar-me em ser cúmplice da certeza de que é impossível, sim, livrar-se da língua materna. Se um dia eu descobrir por que ela imigrou, o que afinal ela veio fazer neste país, talvez eu reconheça o que tanto ela queria me dizer.

Sobrevivo a esta angústia. E busco, neste romance que escrevo, registrar a minha procura pelo significado das palavras que minha avó me dedicou na sua língua própria. Como você deve ter percebido, sempre atenta, nesse verbo que usei,

escrevendo, escolhi o modo gerúndio. Escrevendo afirma o movimento, é a prova de que ainda não encontrei um fim para a história. Por isso, a trama continua e continua e continua. Não sei quando, onde ou se ela vai parar, entretanto, também reconheço que tenho meus limites. Não quero prolongar para além do que alcanço, mas tudo precisa ser pensado, planejado, medido. Até hoje não compreendi, ao certo, o que estou fazendo nessa missão incomum de reocupar a casa e a história da minha avó. Ainda assim, permaneço aqui, pela honra de cumprir a minha promessa.

De uma coisa eu tenho certeza: não posso mais avançar na estrada da vida olhando o passado pelo retrovisor. O que eu quero, na verdade, é que, do seu jeito, você me auxilie a concluir o romance. Acredite, mãe, que nem por um segundo eu me esqueço de você, dos seus olhos infantis e obstinados. Às vezes, passo horas a fio pensando sobre como seria bonito se conversássemos. Mas como você não pode falar, tampouco me ouvir, sinto-me no direito de fazer-lhe aqui um último pedido. Escreva, mãe. Escreva para mim. Seja qual for o contexto, não deixe de me escrever. Escreva antes que eu enlouqueça. Escreva, mãe, com amor. Escreva porque preciso, pelo menos nesta escrita, neste espaço inventado, que as suas palavras possam, enfim, existir e me atravessar.

29.

Com a mão esquerda, ele repetia o gesto. Na minha direção, em linha reta, ele abria e cerrava os punhos, na altura de suas costelas. Ele insistia num movimento que me convidava a dar mais alguns passos, chegar mais próximo. Venha mais, ele me disse, murmurando com um tom adocicado, com uma voz mansa que eu não lembrava existir. Estava esperando você chegar, concluiu. Eu não imaginava o que significava essa frase. Em meu corpo, havia uma espécie de imobilidade causada pelo espanto, um torpor aviltante. Do lado oposto da sala, golpeado pela estranheza da cena, eu permanecia sem sequer conseguir encará-lo, derrotado por aquele estrangeiro. Com os olhos virados para o lado, com a carne firme ao chão, tal como se pregos me fincassem nas tábuas corridas da sala, eu persistia em desviar meu olhar e, assim, não avancei um passo. Eu deveria me retirar do ambiente, pensava. Deveria pular os obstáculos e fugir da energia poderosa que me encarava.

Não fui embora. Segui inteiramente concentrado em meus pensamentos, embalado pela provocação do silêncio que salientava o espaço entre nós. Eu não imaginava o que poderia tê-lo feito mudar, arriscar um novo contato, iniciativa que, depois de sua volta, só havia acontecido no velório da nossa avó. No fundo, apesar da imobilidade momentânea, eu sabia que seria impossível me controlar por mais um longo tempo. Reconhecendo que seria inelutável render-me ao abraço, decidi, então, saborear a atmosfera sedutora daquele inesperado reencontro antes de dar qualquer outro passo. E continuei parado. Quanto mais eu oprimia o desejo no peito, mais meu corpo revelava a vontade de decifrar a presença do outro que se erguia à minha frente, um antigo oponente tão contrário, tão distinto, e, ao mesmo tempo, idêntico a mim.

Parecia que uma chama de ansiedade se adiantasse em nos conduzir a um momento anterior àquele que estávamos. Enquanto me afligia com o desejo intenso e impetuoso de enfim conhecer o meu irmão, eu pressentia que nosso contato nos levaria de volta à consciência dos erros de um passado de redemoinhos. Seríamos conduzidos a uma convivência meticulosamente interrompida à custa da mágoa e da inveja? Havia não muito tempo que eu chegara em casa. Com o calor desta cidade, as gotas de suor estavam frescas sobre meu pescoço, expunham o intolerável sentimento de insegurança de retornar a uma vida de outrora, conservada em fantasmas. E à medida que, numa efeito encantatório, minha tensão aumentava, minha espádua se encharcava ainda mais nesse rio de água salgada, cuja nascente era a resistência e o medo.

Ao invés de me envergonhar do fluido que brotava em minha pele, ao contrário, eu me orgulhava da transpiração. Como se fosse o fruto de um grande esforço. Como se fosse uma premiação. Fitava o homem em frente a mim acreditando que derrubava uma barreira invisível. Vendo meu irmão de braços semiabertos, aguardando o meu toque, ficava evidente que o rancor cultivado durante tanto tempo poderia se dissipar aos poucos. E embora eu estranhasse os novos sentimentos que despontavam, a urgência de recuperar o passado desperdiçado por nós ainda era o combustível que me fazia crer na predestinação do afeto que me aguardava. Assim, na ressurreição das nossas histórias, com as pálpebras trêmulas, semicerradas, os meus olhos voltaram-se de súbito para encarar

cada minúcia daquele corpo masculino, aquele espaço que nem na infância eu vira à luz da intimidade.

Eu poderia pintar incontáveis quadros da imagem à minha frente. Se me pedissem, descreveria por infindáveis horas o seu corpo viril. Diante da vida, em pé, eu especularia, numa folha em branco, sobre todos os caminhos percorridos durante os anos em que ele esteve distante. Carregava em suas costas cidades inteiras, que lhe serviram de abrigo. De fato, cada um seguiu o seu caminho, teceu sua história. De um modo ou de outro, abrimos mãos em consenso da experiência fraterna. E, ainda que existisse um culpado maior, a decisão foi tomada a dois. Foi um acordo silencioso. Mas até aquele momento, apesar da iniciativa, permanecia entre nós o mistério. Nada sei sobre o que ocorreu no tempo em que meu irmão viveu em outros espaços. Porém, a contragosto da pulsão investida neste texto, eu não inventarei um passado para ele agora. Não forjarei, neste instante, uma ficção paralela a esta. Isso seria uma tarefa destinada ao fracasso. E ainda estamos na metade do romance.

Somente no momento adequado, eu o pediria cuidadosamente que me narrasse a sua própria história. Quando nos aproximássemos do amor, quando nossa relação se fortalecesse, ainda cercados pela arquitetura desta casa, debaixo do mesmo telhado, eu permitiria o revezamento da voz narrativa. Passaria o bastão desta escrita a fim de que, com propriedade, sua voz cultivasse a própria história sobre o solo calcário que nos separou. No momento certo, somente no tempo exato, eu conheceria as suas ruínas. Enfim, quando eu pudesse adentrar sua intimidade interior, saberia o que aconteceu durante os anos que impediram nossa comunhão. Por hora, à sua maneira, meu irmão pouco a pouco reocupava o seu lugar nesta casa e em minha vida, convidando-me ao contato. Não, eu não poderia reclamar, tampouco havia como adiantar as horas. Ele se rendia ao tato e isso bastava.

De longe, tive coragem para confrontar meus olhos com os do meu irmão. Aproximando-me do seu ponto, em passos mansos, maquinais, fiquei entorpecido ao notar, sob a luz do abajur, a cor dos seus olhos. Seu globo era castanho, retinas firmes, esplêndidas. Entretanto, à margem, o espaço branco dos olhos estava rubro, escarlate, púrpureo, todos os tons de vermelho que eu consigo imaginar. Na hora,

estranhamente, vi nossa história passar por aquele espaço circular, feito um filme veloz. Suspeitei que ele estivesse chorando antes da minha chegada. Algo havia mudado e, numa casa com tantas recordações, o choro pode ser incontornável, um modo de sobrevivência. Com repentina desconfiança, sem me aperceber do que eu expunha, denunciei meus temores. Ao captar seus sentimentos à flor da pele, novamente eu queria rastrear a origem de sua quietude, de sua dor. Questioná-lo sobre seus olhos sanguíneos. Interrogá-lo sobre a potência do seu corpo, ouvir sua confissão. Mas não foi isso que aconteceu. Digo em voz alta seu nome, agora um pouco confuso de suas intenções. Não consigo prosseguir com a fala, ainda que tateante. Sem me dar conta, eu retornava à infância, aos pequenos acontecimentos que me faziam perder a voz.

Eu queria dizer algo reconfortante, mesmo que não soubesse o quê. Precisava de antemão conhecer o que o atormentava. Eu deveria, agora, como obrigação, protegê-lo de todas as intempéries. Nunca antes o havia visto aos prantos e, talvez, por esse motivo, as interrogações latejaram fortes em minha garganta sem que pudessem sair. No entanto, sentia que ainda não era o momento de cruzar as fronteiras e insistir na queda de uma muralha erguida pelo tempo. Então, à contragosto, resisti ao ímpeto, e o silêncio se fizera. Nosso código não se traduziria em palavras naquele instante. Sob o mesmo chão, éramos, um para o outro, como estrangeiros que falavam línguas diferentes. Aliás, não é vão dizer que, por motivos passados, nunca houve muito diálogo entre nós; nem nos tempos idos, tampouco naquele instante. Hoje, há muito menos. Seria à toa a tentativa de me aproximar daquele homem em verbo pois, tão vivo, seu corpo me convocava para uma união de pele. Ele suplicava, com palavras que eu não podia escutar ou entender, pelo verdadeiro enlace dos nossos peitorais.

Ao pé da estante, meu irmão esbanjava uma nudez perigosa. Despojado de vestes, seu corpo era uma horizonte insondável. Era a extensão de um território de músculos, ossos e tendões cuja pulsação cada vez mais me transformava em presa e me convocava à armadilha. A curvatura do seu tronco, seus recuos, tudo era adornado por uma teia de pelos curtos, um revestimento que me intimava a compartilhar, no toque do abraço, o calor que incendiava os cômodos da casa. Ele me aguardava como uma rocha firme, como um pilar de sustentação, mantendo

erguida a tenda das nossas vidas. Meu irmão me observava atento, feito um soldado imóvel em seu posto de observação. Eu não sabia quanto tempo teria se passado, talvez horas presos àquela cena, talvez segundos, mas nos esquecíamos do relógio.

Sua presença inflamável me embriagava e me aquecia. Do mesmo modo como faz um copo de whisky com a garganta, era assim que eu me sentia: entorpecido. Perturbado de tal forma, meu irmão precisava de mim naquele instante, disso eu tinha certeza. Requeria-me sem demora para encarcerar meu corpo em um abraço interminável, enlaçar-me em seu peito vultoso. Em passos vagarosos, caminhei até o seu ponto na sala. Conteí algo em torno de seis ou sete passadas até chegar naquele forasteiro que se abrigava sob o mesmo teto. Quando não existir mais nada, pensei durante no trajeto, ainda restaria na memória a sensação de termos sido o refúgio um do outro. De termos nos reencontrado. Finalmente éramos irmãos.

Enquanto eu caminhava até ele, o desejo em mim se expandia, dominava-me dos pés à cabeça, feito uma ameaça feroz. Sentíamos girar o mundo do outro. Avancei para beijar-lhe a fronte, abraçá-lo como nunca havia feito antes. Caminhei pela sala, desviando dos móveis, entrelaçando os fios de vida que restavam entre nós. Em pouco tempo, estávamos frente a frente. Era como se vivêssemos constantemente à espera deste confronto pacífico e silencioso na companhia dos fantasmas de nossos ancestrais. Então, ao deslocar seus olhos por minha face, indo direto aos meus, ele, cambaleante, estendeu-me a mão. O peso e a incerteza quanto ao que eu via empurraram-me involuntariamente para longe dali.

Com um singelo feixe de luz incidindo suavemente sobre seu peito, tingindo dois terços do seu dorso, vi com certa nitidez a extensão de feridas que estampavam a sua pele. Eram marcas secretas, escondidas por debaixo das vestes, aprisionando todos os seus demônios que já o corroeram. Não foi a primeira vez que pensei isto, e talvez não seja a última, mas creio que falta um verdadeiro porquê para tantos acontecimentos imprevistos corromperem, com tamanha violência, tudo o que tentei viver com minha família. Parece que vim predestinado à solidão e à distância. Se me questionassem, hoje, sobre o que acredito que seja esse motivo hostil, diria que algo visceral se manifestava todas as vezes em que me aproximei do meu

passado. Sem nenhum vestígio de razão, tenho sido castigado pela culpa de uma história indelével e violenta.

Do lado de fora da casa, estava abafado. A janela da sala enquadrava o céu negro da noite. De dentro, igualmente, eu sentia a respiração quente do meu irmão incidir sobre a minha face. Desencorajado, meu desejo, antes impetuoso, resguardava-se, mais uma vez, no lugar do apagamento, onde sempre estivera. Foi preciso apenas alguns segundos, instante a instante, para que meu olhar se perdesse na dimensão quase infinita e sombria das incisões do seu corpo. Eram marcas de queimaduras, antigas, ressecadas. Era o tecido esturricado pelo fogo, onde sorratamente o seu passado se escondia. À custa do espanto que me esmagava, de imediato, eu quis me afastar.

Em plena febre, quebrava-se a atmosfera construída entre nós. Naquele instante, apenas queria compreendê-lo, à medida que vinha à minha consciência o fato de que todas aquelas cicatrizes, indiretamente, eram acusatórias. Mesmo que ele tenha ido viver sua própria vida, por escolha particular, fui eu o maior culpado do seu afastamento. Fui eu quem o expulsou, de algum modo, da segurança do nosso lar. Fui eu quem o empurrou para um mundo ao avesso e perigoso. Sem querer, por mais que ignorasse minha culpa, no passado, havia sido eu o malfeitor. É como se todas as marcas, inscritas em seu peito, em suas costas, dentro de si, tivessem sido feitas violentamente por minhas mãos.

Naquele momento, eu tramava uma estratégia para fugir do que me incriminava. Esquivar-me de uma culpa longínqua. Antes que eu pudesse me desviar, porém, meu irmão me segurou com força e determinação. Por instinto, não tentei correr ou me soltar. Via-me novamente preso ao chão. Estávamos ladeados de porta-retratos, livros antigos, móveis empoeirados e restos de uma família que quase inteira se foi. Ele se aproximou mais de mim, olhava-me concentrado, com suas pupilas embrutecidas. Enquanto eu o fitava de volta, assustado, seus dedos agarraram o meu pescoço, modelaram-me como se eu fosse uma peça de cerâmica e ele, o artesão. Se antes era o receio que silenciosamente me punha paralisado, agora era a paixão que se elevava no instante que ele me capturava em sua

armadilha. Debaixo da mesma redoma, nós éramos caçador e presa, esperando com ansiedade o fim da história.

Pela segunda vez, após tantos anos, meu irmão me prendeu em seus braços. Como se quisesse me guardar, ele me segurou com uma energia voraz. Ao pé do meu ouvido, ele começou a cantar uma música forasteira. Em árabe, num fio de voz miúda, ele nos dirigia ao nosso passado. Ponho-me a escutar o som. Fui tragado para dentro do seu jogo. De olhos fechados, com os corpos colados, nossos suores se misturavam. Não poderíamos mais distinguir quem era quem. Com uma das mãos na minha cintura, outra na minha nuca, meu irmão pôs-se a nos movimentar sutilmente de um lado a outro, deslizando pelo assoalho. Quem olhasse a cena, certamente não a compreenderia. Para mim, o acontecimento também não tinha sentido, mas eu rezaria se fosse preciso para que esse momento não se dissipasse. Explorando a sonoridade, recolhendo da memória as palavras dos nossos ancestrais, meu irmão fazia dos nossos dois corpos um só corpo-bailarino. Rodopiávamos lentamente, dançávamos com suavidade. Com seu olhar entorpecido, meu irmão nos conduzia, em paz, a um inesperado passo de dança.

30.

No dia em que retornei a esta casa, minhas mãos carregavam tremores excessivos. Era difícil reencontrar minha avó depois de tanto tempo. No sol da tarde, com os nervos à flor da pele, meu peito pulsava em ritmo desmedido ao encarar de frente seus olhos pequenos sem que ela me dissesse nada. Era aquele o tempo tão esperado durante os anos suspensos, o momento certo para reavermos nosso passado e demolirmos o que restou de nossa morada, a fim de reconstruí-la sobre o mesmo solo. Era o tempo de replantarmos todas as sementes no nosso quintal para, ao fim, colhermos os frutos no momento propício.

Era a ocasião oportuna para que, com nossas mãos sobrepostas no papel, escrevêssemos uma história que preenchesse os anos de adversidade. Se minha avó tivesse alguma coisa para me dizer, caso fosse necessário, eu escutaria por dias seguidos, buscando recuperar tudo aquilo que, em tese, para mim, não existiria nunca mais. No entanto, ela se continha em seu silêncio, fitava-me com seu olhar

vago, abençoando-me sem palavras. Reconhecia em mim o neto que voltava para a casa, o menino cabisbaixo, olhando para o chão, a imagem do arrependimento corporificado, quadro que ela, talvez, também não acreditou que, algum dia, veria novamente.

Hesitante, ela foi-se rendendo a meus apelos mudos de desdobrar nossa história. Ela ergueu o braço e, sem proferir nenhuma palavra, esticou sua mão em minha direção. Aguardava com calma o tempo que nossos dedos estivessem prontos para se cruzar. Estaríamos, enfim, naqueles minutos, caminhando para longe de uma história de loucuras e mágoas. Não tive receio de segui-la, não me importava para onde eu estava sendo conduzido. Despojado do orgulho, apoiei minha mão sobre sua pele envelhecida e andamos em direção a porta da sala, atravessando os umbrais maciços do rancor, vencendo o sentimento algoz que nos separou durante tantos, tantos anos infinitos e ociosos.

O quintal foi ficando para trás, vazio como estava a rua. E, assim, caminhamos a passos curtos para o interior da nossa morada. Naqueles metros de distância, tão grande era meu entusiasmo que afoguei em meus pensamentos todas as frases que eu gostaria de falar. Do lado de dentro da casa, tudo havia se mantido de modo formidável: o ambiente ainda exalava o odor de incensos, as paredes do mesmo tom, as cortinas, a mobília de madeira, as frutas secas sobre a mesa, os livros antigos na estante, a poeira fina que cobria toda a sala. Prendi a respiração, sem saber dominar as reações do meu corpo. Em um movimento mecânico, observei o feixe de luz que vinha dos corredores, dando possibilidade de vida à casa que, para sempre, seria o armazém de nossas vidas.

Sente-se, meu filho, disse minha avó enquanto dispunha seu corpo ao meu lado no sofá. Ela não estava afoita, mas, ao contrário, estava terna, como se observasse a singeleza do momento pelo espelho das minhas retinas. Está tudo do mesmo jeito, ela disse, tudo no mesmo lugar, seus livros, o espaço do seu quarto, os quadros, as fotografias, exatamente tudo o que você deixou ficou à sua espera. E continuava a falar, reavivando a casa com sua voz adocicada que eu não reconhecia. Você não precisa se esforçar para olhar para trás, meu filho. Não tente em vão reocupar o tempo perdido. Não devemos mexer naquilo que não nos compete. É

justamente por esse motivo que fiz questão que tudo permanecesse no mesmo lugar. Porque não podemos mudar o que ocorreu, nós não temos o direito de interferir no que ficou no passado. O que cabe a nós, a partir deste momento, deste seu retorno ao nosso mundo em diante, é a criação de uma nova trama, ela finalizou. E então, com suas palavras, eu sabia, no íntimo de mim, que estávamos prontos para preencheremos, com instintiva intimidade, o capítulo de início da história que escreveríamos dali em diante.

Minha avó pausou suas palavras. Permanecia encarando-me no fundo dos olhos. Inquieto, eu não sabia o que replicar. Não, não havia mais orgulho em mim, porque, no fundo, a vergonha ocupava esse lugar sorrateiramente. Em minutos breves, aceitando minha covardia, levantei-me do sofá. Ensaiei passos pela sala, andando por vários pontos do espaço, um, dois, três, quatro, minha cabeça em órbita, encarando a paisagem, reacendendo na memória a constatação do desperdício do amor. Sentia meu corpo se aquecer por dentro, ansioso pela possibilidade de conhecer pela segunda vez, agora com mais consciência, a mulher que era minha avó. Naquela hora, apenas relutava comigo mesmo, pensava não ser digno do reencontro. De fato, a espera tinha sido muito longa, aliás, por demais dolorosa. Uma miscelânea de sensações me tomava sem que eu pudesse evitá-las.

Quanta incerteza, quanto arrependimento. Invadia-me uma vontade de tomar um atalho para a trilha do passado e, assim, ainda que perdido, evitar a cesura de nossas histórias. E então, vendo-me desse modo desonrado, tão envergonhado de mim, só pude abrir a boca e suplicar pelo perdão por um erro que não sei se foi só meu. Foi neste instante, no segundo em que descolei os meus lábios, que me dei conta do corpo já tão enfraquecido que sustentava minha avó. Não foi apenas a casa que havia envelhecido. Estaríamos andando para sempre em direções opostas? diante do que eu via, veio à minha consciência, tarde demais, o que era inevitável: o tempo que nos restava não seria suficiente para um recomeço pleno. Aos poucos, como um livro escrito em vão, nós nos perderíamos de nós mesmos, sem nos dar conta que, certamente, o próximo afastamento seria irreversível.

31.

Enquanto meus pés deslizavam pelo chão da sala, na contradança dos nossos corpos maduros, pulsava dentro de mim, com certa poesia e conforto, a certeza de que minha vida havia sucumbido à loucura.

32.

Caminho até a estante. Dos espaços retangulares e estanques, retiro do repouso livro por livro. Examino cada um em suas minúcias a fim de que nada passe despercebido por meus olhos morosos. Permaneço à procura do diário da minha avó, perseguindo algum rastro de sua existência anterior ao que eu conheci. Busco, com esforço, um pedaço de papel qualquer que possa ter sido escrito pela imigrante, um fragmento de carta enviada ou recebida, um bilhete esquecido, uma pista qualquer que possa confirmar uma das poucas coisas que ainda vejo como possível resposta para meu passado de neblinas, para as raízes perdidas. Não falo aqui de encontrar detalhes, não espero minúcias sobre a história dos meus antepassados. Espero apenas explicações concisas para a vinda da minha avó, talvez para a frase incompreensível que ouvi, e, quem sabe, para o desfecho que precisarei dar a esta casa depois que nela eu não conseguir mais viver. Aferro-me na esperança de que as respostas estejam escritas nas páginas desse diário. Quando os corpos se desfazem, quando a existência passa a ser apenas memória, a grafia mantém-se como vestígio, palavras são marcas que não se dissipam com a força do tempo.

Confio, então, que minha avó deixou nesta casa o seu caderno. Sei que não houve tempo para que ela se desfizesse dos seus pertences. Ela o deixou como uma segunda herança, um caderno não inventariada, passando-o adiante a fim de que fosse, um dia, encontrado e lido por alguém. Ao contrário, creio que ela não os teria escrito se não fosse para que sua história driblasse o apagamento da morte. Por isso, penso repetidas vezes, que ela me designou esta casa, sobretudo fazendo-me prometer que neste lugar eu permaneceria. E embora eu esteja constantemente indo atrás de indícios incertos, procurando o que talvez seja apenas uma armadilha da minha memória, não sei o que dirão as palavras que ela supostamente redigiu. No fundo, não posso afirmar se de fato existe o registro da explicação para ela ter se

enraizado em outro país, ainda que tenha-se obstinado na preservação da sua cultura. De antemão, aparelhando-me para a batalha, não há como adiantar se poderei compreender o manuscrito sem necessitar do apoio de traduções traidoras. Palavras estrangeiras, incompreensíveis aos meus ouvidos, atemorizam-me.

Estou como em uma caça ao tesouro. Invento um fio condutor para começar a busca por um diário que sequer posso dizer se existiu. Eu tinha nove anos quando a vi escrevendo nesse caderno antigo. Obviamente, como se esperava, ela nunca comentou com alguém que registrava os seus dias através da grafia, tampouco sei se ela sabia escrever em português algo além do seu nome e de poucas palavras. Depois, alguns anos após ter visto essa cena, quando precisei regressar para o ponto de onde parti, no momento em que não havia outra saída a não ser pedir perdão a minha avó, avistei-a escrevendo novamente o que parecia ser o mesmo manuscrito. Como se a raridade, a escrita à conta gota fosse uma idiosincrasia sua, trazida de outro lugar. Todos os anos no mesmo caderno, com todos pontos finais e interrogações interligados à história de sua vida. Foram apenas duas as vezes em que avistei o diário de minha avó. No entanto, sempre desconfiei da constância desse exercício de escrita confidencial. Deliberadamente, continuo acreditando nessa ideia que, à custa do mistério, posso ter inventado. Porque, até agora, essa pista se mostra como a mais certa possibilidade de que eu compreenda e arremate toda a trama que escrevo.

Sem a certeza do tesouro a ser encontrado no fim da caçada, forjo deliberadamente a existência desse diário. Ensaio minha busca incessante e incansável por vestígios escritos de uma vida fora deste país, pois, para chegar ao encontro do que é estimado, não há como desviar-se da superação de uma série de provas arriscadas. Assim, sem me preparar para o pior, mas também sem crer que no final da caça possa acontecer alguma redenção, permanecerei firme com essa intuição afirmativa. Seguirei a trilha até o ponto em que eu possa escavar o meu passado e encará-lo como o tesouro aguardado das lembranças. No fim das contas, talvez o que importe para a escrita deste romance seja isto: se o meu passado disser respeito apenas a mim, a trama será sobre esse momento de preâmbulo de um fim incerto. Será, pois, nesse espaço intermediário em que me encontro agora? Será o devir, o processo de mudanças efetivas pelas quais tenho passado? Será o

movimento permanente que atua como regra, sendo capaz de criar, transformar e modificar tudo o que existe ao meu redor? Reconstruo meu corpo em interrogações, mesmo que discordante de todas as respostas.

33.

O câncer matou a minha avó. Não sei exatamente qual foi o início da doença, seu ponto de partida, sua morada precedente. Desconheço sua primeira manifestação, o lugar de origem. Quando sua existência foi descoberta, os tumores já haviam se espalhado de forma sistemática por seu corpo. No momento em que descobrimos o que a afligia, depois dos anuais exames de rotina, qualquer tratamento, com todas as suas implicações e ruínas, já não era mais uma opção. Do resultado das análises clínicas em diante, dos dias que viriam, bastava apenas controlar a dor. Com afincos, restava o esforço de dedicação para que, mantendo a fé, o fim chegasse o quanto antes.

Como se estivesse reavendo um espaço que era seu, a doença alastrou-se por todos os espaços do seu corpo. Com o tempo, conforme avançava, as ruínas da matéria tornavam-se mais visíveis e cruéis. De início, ela parou de andar; depois, não conseguia mais se alimentar como antes. E assim, aos poucos, semana após semana, minha avó foi enfraquecendo, definhando, morrendo em cima de sua cama. Ela se tornou espectadora de suas feridas, massacrada por dores intermináveis que, sem piedade alguma, ao invés de levá-la, insistiam em manter a sua lucidez. Isso durou longas semanas. Em um momento, porém, ela estava viva, em alerta, mas, em seguida, sem que esperássemos, por escolha ou não, ela se apagou. Antes disso, enquanto sua mente esteve a salvo, invisível diante da doença, ela permaneceu mantendo uma fé inabalável na cura. Ou, como um último desejo, continuou crendo na volta para a sua verdadeira casa. Quando o corpo trai a alma, e nenhum medicamento pode deter o cansaço, resta apenas agarra-se à esperança tenra de que algo bonito possa inesperadamente aparecer.

34.

Embora haja um forte desejo de dar vida a um novo personagem, pouco sei sobre a figura do homem que foi meu avô. Com espantosa lucidez, à medida que elaboro novos capítulos, reconheço que sei menos sobre minha família do que supunha antes, quando iniciei esta narrativa. Sento-me na sala, outra vez, a fim de retomar a escrita deste texto, e vejo que, apesar de hesitante, o romance tornou-se para mim muito verdadeiro e necessário. Através destas linhas posso chegar às raízes da vida que eu quis inventar para mim e para meus antepassados. Neste espaço, posso pensar e tramar tudo o que se sucedeu depois da vinda da minha avó para esta terra. Bem verdade, como diz Jorge Luis Borges, o livro é uma extensão da memória e da imaginação. Decerto, sem saber de que modo posso conceituar o meu gesto de escrita, penso que isso é o que chamam de ficção.

Poderia dizer, depois de alguns capítulos prontos, que a presença e a voz narradora que criei para mim desafia o tempo e a história. Às vezes, por estar sempre escrevendo em gritos, minhas próprias palavras me cansam, deixam-me rouco. No entanto, o modo pelo qual me construí e criei minhas personagens, relatados em seus fracassos e ruínas, faz-me obstinadamente continuar escrevendo, retido como um prisioneiro dos desacertos desta trama. Minha avó nunca falou sobre o seu esposo. Ou melhor, sobre o homem com quem teve filhos, pois não sei se um dia eles se casaram. Pouco sei sobre ele, sequer imagino como expressá-lo nesta linguagem inventiva sem que o mistério me desampare. Sem um ponto de apoio concreto e real, perco a energia da criação e solto o lápis sobre a mesa.

Nesses últimos dias, releio tudo o que escrevi até agora. Atesto que, acaso meu avô existisse aqui ou fora, a trajetória da minha família não poderia ser diferente. Que poderia um homem fazer para impedir que o âmago da minha família fosse regido pelas crenças mediterrâneas? Que ações ele tomaria para, sem blasfemar contra os desígnios do destino, conduzir-me à descoberta final dos enigmas deste romance? No fim de tudo, observo esta trama emergindo caudalosa em incontáveis segredos, sabendo que não será sem sacrifício que conseguirei revelá-los aqui. Tudo sobre meu passado já está meio dito – resta agora, pois, dispor em ordem o que já escrevi.

À beira do fim, este romance caminha lentamente, evitando as trilhas da contradição. Examino os papéis, sinto o peso das folhas, releio mil vezes a história. Suponho que todo o caos que inventei não se sustentará em respostas estáveis, fazendo-o, brutalmente, cúmplice do meu fracasso. Desejo que irrompam súbitas as revelações, ou que, ao contrário, elas sejam caladas de uma vez por todas. Não sei se o que entendo como verdade existe, ou se esse texto trata de uma ambição insistente pelo escrever mentiras. Preciso adquirir experiência nesta arte de criar realidades, a fim de que minha relação com a verdade seja iluminada ou, quem sabe, obscurecida. Abrindo meus olhos, adverte-me Marcel Proust que certa insistência em revelações pode assassinar o meu texto: o desejo floresce, não se esqueça nunca, jovem escritor, mas a posse faz murchar todas as coisas.

35.

Minha avó dormia de sapatos. E doía vê-la ir se deitar todas as noites usando calçados duros, envernizados, desconfortáveis. Durante o período em que seu corpo estava em inatividade, com a matéria imóvel, os sapatos permaneciam em seus pés. Por mais que eu me indagasse sobre os motivos, ainda menino, pela fresta da porta, eu a observava deitada em sua cama. Não havia nenhuma resposta precisa, nenhuma explicação era dada por ela para esse hábito tão incomum que carregava consigo, junto aos seus rancores.

Quase todas as noites, sem exceção, esse ritual tornava a se repetir. Agora que ela se foi, pouco saberei do que se passava em seu íntimo para insistir em uma mania dessa natureza. Decerto, minha avó criou um universo próprio, muito particular, sem entradas. Mais ainda: ela fez questão de habitar uma residência construída sobre os pilares restantes da cultura sírio-libanesa. Ela insistiu em não se esquecer de onde veio e do que trouxe consigo, mostrando, em todos os gestos, o seu desejo de retornar ao ponto em que parou quando precisou vir para cá. Para ela, esse era o único modo de se relembrar do que fora arrancado de suas mãos.

36.

Nunca diga tudo que sabes. Era essa uma das frases que estão escritas na margem de uma página desgastada do Alcorão de minha avó. Enquanto eu folheava esse livro sagrado, procurando alguma palavra de conforto, deparei-me com essa frase, sem reconhecer a letra que a grafou. Trata-se de um provérbio mediterrâneo, que data de um longo tempo, um adágio obscuro, sempre repetido por todos da minha família. E o trecho continua: quem diz tudo que sabe, na maioria das vezes, sem se dar conta, acaba revelando tudo aquilo que não convém.

37.

O câncer matou a minha avó. E assim como o surgimento da doença mantinha-se como uma incógnita, o segredo de sua vinda ao Brasil igualmente continuava escondido. Seu passado estava guardado a sete chaves em sua memória, enquadrado pela certeza de que não haveria retorno. Pouco a pouco, vendo a sua vida se esvaír, eu dizia a mim mesmo, insistia comigo que minha família tinha o direito de saber os motivos primeiros para a imigração. Afinal, não se tratava só da vida da minha avó, mas da explicação para que, hoje, tantos anos depois, todos estejamos aqui carregando marcas. Entretanto, nem a fragilidade da doença conseguiria arrancar o segredo da boca da minha avó, expor a todos sua intimidade. Decerto, concluo em pensamento, se o deslocamento para outro país apresenta-se definitivo e inegável, penso que o motivo só poderia ser fruto de algum insucesso ou, ainda mais sufocante, alguma tormenta.

Restava a mim, ao fim e ao cabo, aceitar que não haveria mais nada a ser descoberto depois da sua morte. O eco de sua voz não se prolongaria por muito tempo. Era preciso que eu me resignasse com a ideia de que eu seria vencido pelo mistério. Insisti em seguir em frente, esperando um ponto final de uma história que não previa capítulos próximos, reticências, sequer um posfácio. Por duas ou três vezes, pensei em ir embora para não assistir ao fim da sua vida. Não é fácil não saber seu passado, como foi a trajetória dos seus familiares, se passaram fome em outro país, se a travessia para cá foi tortuosa. Sou consequência da incerteza. Na verdade, são poucas as coisas que sei sobre a cultura árabe, sobre o que de mim está

erguido do outro lado do mundo. Por esse motivo, tornava-se ainda mais difícil acompanhar a morte paulatina da minha avó: toda a verdade, inscrita em sua pele e em sua memória, seria obscurecida para sempre.

Sem pretexto, sucumbindo ao medo, eu quis abrir todos os álbuns de fotografias da família, passar o dedo na superfície dos retratos, tentar decifrar suas narrativas de origem. Mas aquelas pessoas estampadas no papel não me dizem nada. Estão todas com os olhos vendados e as bocas amarradas. Nenhum deles nunca me disse nada. E por isso, devido ao silêncio das respostas, precisei inventar suas histórias desconexas. Vendo-me diante dessa impossibilidade de clareza, sem cultivar amor próprio, continuo aguardando o dia em que agarrarei o meu passado com as duas mãos. Porque apesar dos meus esforços, quando retorno o olhar às imagens, quando me deparo com essas fotos antigas, vejo apenas figuras vazias, representações de indivíduos com posturas errantes, que, retendo seus segredos, assombram-me com suas imprecisões.

38.

Ouçá bem, meu filho: limpa a tua casa, pois não sabes quem baterá a tua porta; lava sempre teu rosto, pois não sabes quem beijará a tua face.

39.

Mantem-se viva em mim, como uma angústia infindável, a história de minha mãe. Não posso continuar escrevendo este romance sem aproveitar um pouco mais de sua existência. Porque ainda que existam pretextos e enredos paralelos, a história principal deste livro passa estritamente pelo passado da mulher que me deu à luz. Filha de imigrantes libaneses, minha mãe nasceu e foi criada em um ambiente sobrecarregado de costumes do Oriente Médio, com hábitos muito mais rígidos se comparados àqueles com os quais precisei conviver na infância. Ela cresceu nesta casa em que me encontro hoje, lugar que foi o abrigo para todas as bonecas, espaço para as lições de árabe forçosamente dadas por minha avó, espaço dos ensinamentos sobre a arte de criar rendas, colocar a linha na agulha e envolvê-la nela mesma para criar enlaces de crochê. Pelas fotos, eu via uma criança desenhada com traços

físicos singulares: ela tinha uma beleza inquietante, um olhar austero, suas maçãs do rosto bem definidas e rosadas, seus cabelos ondulados, enegrecidos, parecidos com os meus. Fios em ondas que marcavam as fotos quando o hijab não servia como esconderijo. Minha mãe parecia ser uma menina como qualquer outra, comum em suas particularidades. Mas esse tempo não nos interessa. O que importa é o que veio depois: o silêncio que irrompeu bruscamente em seu tímpano e rasgou a membrana da sua infância.

Aos dez anos, minha mãe viajou para outro estado. Estava indo rumo a um lugar vizinho ao nosso encontrar as irmãs de minha avó, que igualmente imigraram para o Brasil. Nunca soube os pormenores das outras travessias, de mesmo modo que desconheço o destino que aquelas mulheres da família tiveram por aqui. Sei, por um dos relatos que entreouvi quando criança, que foram poucos dias após a viagem que minha mãe começou a adoecer. Para minha avó, no início, o calor do corpo era apenas um resfriado, ou talvez o efeito do cansaço do corpo depois de uma longa viagem de ônibus. Aos poucos, o pescoço foi ficando rígido, mas minha avó entendia que as dores no corpo eram devido ao fato de a menina permanecer por muito tempo deitada em sua cama. E assim seguiram os dias, com a doença enraizando-se no corpo de minha mãe, trucidando-o com calma e astúcia. No fundo, a verdade é que minha avó era autoritaríssima e não confiava na medicina. Opunha-se a entrar em um hospital porque acreditava que de lá as pessoas só saíam mortas. Porque, em sua crença, a onipotência de seu Deus bastava para a cura. Diante do que minha mãe viveu em quarenta e dois dias, das dores que imagino que ela tenha sentido, morrer rapidamente teria sido um ato de libertação e coragem.

Após muita relutância, a consciência de que minha mãe estava em perigo pesou mais do que o orgulho de aceitar ajuda médica. Depois que a confusão mental e as convulsões chegaram ao corpo da criança, fazendo-a esmorecer encurvada na cama, ela foi levada ao hospital. Às pressas. Talvez, caso alguma medida paliativa tivesse sido tomada a tempo, logo no início dos sintomas, a situação não teria chegado às últimas consequências. Por isso, quando relembro dessa história, nos dias em que passo horas a fio tentando submeter alguma ordem à vida da minha mãe, não consigo ter pena da minha avó, que, incrédula na ciência, deixou sua filha alheia aos cuidados necessários. Eu tive razão, tive total razão em não me

compadecer da minha avó e de suas crenças que, de tão fúteis que eram, provocaram sequelas irreversíveis em minha mãe. Se eu somasse tudo o que passei devido a essa negação, tudo que tive que descobrir por mim mesmo, solitário na infância, tive então o direito de não sentir remorso algum por tudo o que falei um dia.

Em ocasiões deste romance, evitei contundentemente me estender em pormenores sobre a mulher que me pôs no mundo. Outras vezes, precisei apresentá-la apenas em sugestão, sem esmiuçar ou desencadear tudo o que ocorreu para que o foco de luz não fosse desviado. Não posso reter mais as explicações sobre o passado. De um certo modo, agora é o instante preciso e inegável em que devo escrever os motivos pelos quais atribuí tanto peso às palavras desferidas minha avó. De dizer porque não pude perdôá-la de imediato. De providenciar justificativas para que a frase-árabe no leito de morte tenha sido tão aterradora. De justificar, enfim, porque é tão penosa a minha relação com a linguagem. Por isso, de modo constante, pergunto a mim mesmo sobre como tenho conseguido colocar na grafia estas histórias de tantas batalhas, de entraves com a língua, seja materna, seja literária. Este texto de rumores da memória, de silêncios e de vazios intermináveis. Escrivê-lo parece uma penitência absolutamente oportuna para rasurar o passado perdido.

Se me perguntassem, nesta altura da narração, qual o fim que pretendo dar as minhas personagens, não saberei responder com precisão. Às vezes, sei exatamente qual será a ideia a ser desenvolvida no próximo parágrafo, articulando cada passo que o narrador dará nas linhas vindas. Outras vezes, deixo que o fluxo da linguagem leve este texto para onde bem quiser. Centrado no modo de existência ficcional e paraficcional das personagens que crio, projetando todas as suas figurações, permito que meu texto trace os caminhos rumo ao lugar que, devido à força do tempo, meus olhos não alcançam mais. Em última instância, reconheço a necessidade de direcionar agora a narrativa para alguns pontos mais claros. Quero que a figura da minha mãe, e sobretudo a da minha avó, valham esta laboriosa experiência de escrita. Porque, à medida que o tempo passa, lanço-me mais visceralmente neste trabalho de ficção, escrevendo todos os dias, consciente de que, neste romance, é onde posso fazer o amor subsistir por um pouco mais de tempo. Só mais um pouco, por mais que, no fim das contas, tudo seja uma farsa.

De repente, nesse movimento contínuo da escrita, vejo que estou parado há um longo tempo diante deste capítulo, que já se estende mais do que eu previa. As palavras surgem à força na minha mente, auto explicativas, didáticas demais, e tenho receio de que, por isso, elas careçam de sentido. Volto, então, forçosamente, ao ponto mais importante desta etapa do enredo. Relendo o que escrevi, vejo que tudo o que sei deste episódio é uma coleção de fragmentos que, ao longo da minha vida, foram chegando a mim de modo estilhaçado. Confiando no que me foi dito, sei que minha mãe permaneceu hospitalizada por quarenta e dois longos dias. Esteve inconsciente, com a vida desacreditada pelos próprios médicos, visto a força com que a doença tomava o seu corpo. Mas depois de todo esse tempo, aos poucos, os sintomas da doença foram misteriosamente decrescendo, as cores da face voltando à normalidade, a vitalidade pulsava de novo em seu corpo. E então, num dia qualquer, ela reabriu os olhos. Pelo que sei, minha mãe era uma menina que gostava de caminhar pelas avenidas da cidade. Demonstrava enorme prazer em dançar nas festas da família, atraída pelos costumes libaneses. Apreciava pisotear a terra seca e se sentir uma criança orgulhosa por estar, de algum modo, crescendo na superfície de uma família diferente das demais ao redor. Mas isto era antes.

Não sei de quem é a culpa por tudo que ocorreu. Não posso atribuir esse peso todo a minha avó quando a ela, bem verdade, cabe apenas uma parte. Quando minha mãe acordou, tudo era silêncio ao seu redor. De todas as sequelas que poderiam acometê-la, sua audição foi roubada violentamente. Como se algo se apoderasse dos seus tímpanos, excluindo-a de todos os sons que antes a embalavam. Em um momento ela dormiu, mas, ao despertar, uma parte do seu corpo havia sido subtraída. Era o seu corpo e o silêncio, e a partir de então seriam apenas os dois. Era como se ela tivesse sido lançada em um lugar desconhecido sem que pudessem prever as circunstâncias que lhe chegariam de imediato. E assim foi, sem que nada pudesse ser feito para reverter a situação. Afinal, segundo a palavra dos médicos, a sobrevivência da minha mãe era um acontecimento inexplicável. Ela fora conservada em sua sanidade, sem sequelas neurológicas ou motoras, apenas a surdez impunha-se como condição. Deram-lhe o título de vitoriosa, retirando dela o direito de qualquer oposição.

Seria um passo de cada vez. Em princípio, a ausência total de palavras. Depois, alguns poucos balbucios. E em alguns meses, minha mãe retornaria a fala, embora não como antes, pois a comunicação plena estaria para sempre comprometida. Àquela altura de sua vida, ela já havia aprendido a ler e escrever. Segundo os médicos, o processo de aquisição da linguagem já estava finalizado. Quase tudo seria uma questão de ela se adaptar à nova realidade. De início, extrair significado do movimento dos lábios foi um obstáculo que minha mãe conseguiu ultrapassar. Porém, contrariando as expectativas, ela se recusava a falar. De que ela tinha medo? Com o passar do tempo, até o ponto que conheço da história, minha mãe foi voltando à sua normalidade. Retornou à escola, concluiu os estudos interrompidos, continuou a viver, ainda que interagisse muito pouco com as pessoas ao redor. Ela não tinha mais a intenção de ser feliz, de casar ou ter filhos. Incentivada por toda a família, minha mãe deveria apenas cumprir, com aceitação e fé, o destino solitário e silencioso que Deus havia lhe destinado. E isso bastava.

40.

Permaneço fincado ao chão desta casa. Do inventário de obras que esperam na estante da sala, agarro o primeiro romance que salta aos meus olhos. Passam-se tempos sem que eu me reencontre com algumas dessas narrativas, que, imperceptivelmente, velam por mim todos os dias. Às vezes, com certo rancor, penso que é injusto o fato de muitos livros serem lidos uma única vez. Se pudéssemos saber quanto esforço foi dedicado na elaboração de um romance, quanto papel e tinta foram gastos, talvez a estima fosse outra. Nesta casa, porém, deparo-me com incontáveis calhamaços que me arrepiam e me distanciam da leitura. Não tenho certeza, mas, observando o modo com o qual sobrevivo, o tempo em que me instalo, creio que não existam mais horas disponíveis para ler setecentas, oitocentas páginas. Porque nesses instantes de supervalorização da produtividade, tornamo-nos por demais ligeiros e, sobretudo, cansados. Apesar disso, ainda há a urgência por algo a ser dito. E sinto na pele que não é possível controlar com rédeas firmes o fluxo da linguagem que me transborda.

Abro a primeira página do livro. É uma história de mudança de horizontes. Releio a trama de alguém que caminha rumo a uma porta antiga, erguida numa casa

que precisa ser reaberta, em outro país. Com a chave na mão, o desejo de encontrar a porta permanece na narradora a fim de que se possa conhecer o que há detrás dela. Reúne-se, no livro, uma trama de travessias contínuas: a narradora busca compreender o que já se perdeu em sua vida. Entretanto, o enredo não se esgota mesmo quando se mostra inviável a volta à antiga moradia da família, ainda que a porta não exista mais. Dominado pela leitura, continuo fixando meus olhos numa trama na qual o desafio da protagonista é o que mais sensibiliza. Nessas páginas, há o mistério incômodo da sua paralisia, a viagem imaginária à Turquia, as idas e vindas no tempo e, enfim, as dobras de um enredo dividido em quatro narrativas embaralhadas. Trago outras vidas clandestinas para dentro da minha casa. Passo a conviver com personagens que se tornam reais justamente porque não posso ter certeza se existiram.

Os seres ficcionais, os espaços e o período que os acontecimentos ocorrem são indefinidos e destroem qualquer expectativa regularidade. Essa desorganização do texto não é apenas o efeito da psique perturbada da narradora. Na verdade, é a estética do fragmento que traz de volta as histórias, entrelaçando-as, mesclando-as, criando assim uma trama que se compõe como uma espécie de máquina de despedidas e recomeços. Fica, pois, a chave sem uma porta que possa ser aberta. A narradora torna-se, enfim, um sujeito que se rende à possibilidade de movimentação. O ofício, que se atribui, é pôr em movimento seus ossos paralisados. Empreender uma viagem de sobressaltos. Ir ao encontro do novo, muito mais interessada na experiência, já que sua antiga casa não existe mais. São linhas que, movendo a narradora, paralisam-me completamente.

Às vezes, na ficção, alguns indivíduos impõem certa lentidão aos seus passos. Como se quisessem perpetuar por mais algum tempo o preâmbulo ao clímax das cenas, ou estendem seu tempo num instante de conforto e paz antes de vir-a-ser outra coisa quando o livro é fechado. Por outro lado, a protagonista mais resolutamente, trota apressada, atrasada de certo. Busca esquivar-se do peso que desaba sob seu corpo, sob sua casa, sob sua família. Há um turbilhão de vidas sobre as quais eu absolutamente nada sei, tampouco saberei fora das páginas desse romance que releio nos últimos dias. Experimento suas paixões como se convivesse continuamente com elas. E, no quebra-cabeça dos capítulos, fragmentos

remontados vez ou outra, aqui e ali, sei que conheço tantos daqueles personagens quanto conheço de mim mesmo. Isso me toma por completo.

Aceito o pacto. Sou espectador de uma multiplicidade de gestos. Em meio a um caleidoscópio de vidas ficcionais, permaneço quase sem sair deste abrigo. O isolamento a que me propus, sem dúvidas, é arriscado para minha sanidade, mas necessário à escrita. Não sei há quanto tempo não tenho uma conversa contínua, uma interlocução realizada com mais de dez palavras. Afogo-me em leituras que, com força, contaminam a minha tarefa escritural. Conscientemente, escolhi enveredar por um caminho que, dada as circunstâncias, pode me enlouquecer e me levar para um lugar onde não desejo chegar. Sobretudo agora, quando me vem à consciência a urgência de apurar a linguagem, precisarei dar um rumo ao enredo interrompido. Mas, apesar do desejo de continuidade, as ideias se ausentam. Desaparecem todas as vezes que retomo a escrita sobre o diário que incluí como a chave do meu romance. Fico às voltas quando relembro que se tornou uma questão de sobrevivência a atribuição de um significado, ainda que incerto e provisório, à frase-árabe proferida por minha avó. É possível que eu falhe, penso constantemente, mas não posso desistir de dar algum sentido a esses vagos lugares de minha invenção. Não posso encaixotar as palavras, efeito de covardia. Nem que para isso eu precise, cada vez mais distante da saúde, arcar com os prejuízos que, fortes, recairão sobre o meu corpo.

41.

Meus pais se conheceram na escola. Em um certo dia, um homem se dispôs a ajudar minha mãe num trabalho de casa. Eram muito jovens e a afeição viva, o amor talvez, fez com que a deficiência da menina estrangeira não construísse um muro entre os dois. Apesar da fala arrastada da minha mãe, um tanto enrouquecida, e do ciúme quase doentio do meu pai, os dois vivenciavam a companhia um do outro, suprimindo a falta que cada um possuía. No início, ele tentou conquistá-la com flores, cartas e bilhetes, papéis que hoje servem como fonte que me permite construir a narração destes episódios. Depois que o sentimento já os havia entrelaçado, os dois se viram sem saída.

Imagino meu pai como um jovem retraído. Era a figura de um menino tímido, que não havia namorado antes de conhecer aquela menina silenciosa. Considerava, antes de firmarem um compromisso, que sua família pudesse querer impedi-lo de ficar com minha mãe devido a todos os obstáculos conhecidos. Entretanto, apesar disso, afirmava, nas cartas, que teria coragem para enfrentar seus pais diante de qualquer desacordo. Mas, pelo que vejo em sua grafia trêmula, titubeante, certamente havia medo do futuro. No fim das contas, de nada foram úteis todos os impedimentos forçados ou o receio do porvir. Meus pais, anos mais tarde, vieram a se casar. Dizem por aí que, no início do casamento, a vida a dois é complexa. Há inúmeras barreiras a serem quebradas e outras passagens a serem construídas. Talvez, a comunhão tenha pesado um pouco mais quando meu pai se deu conta de que, no fundo, a companhia de uma mulher com deficiência não era o que ele esperava para o resto de sua vida. Então, vendo-se sufocado pelas falhas, pelos erros que não imaginou que encontraria, pouco tempo depois, ele saiu pela porta, deixando-a fechada por fora.

Quando eu nasci, minha mãe foi acometida por uma perturbação mental. Era o segundo filho no intervalo de um ano. E tudo ocorreu bem na primeira gravidez, porém um enfraquecimento psicológico tomou conta da minha mãe a partir do instante em que eu vim ao mundo. Minha avó me contava que, quando eu era recém-nascido, minha mãe fazia força para que ninguém percebesse o que a acometia internamente. Manteve-se assim, relutando em si mesma, até o momento em que ficou impossível controlar a situação. E, por mais que a sua vida estivesse acontecendo de forma natural, desmistificando o empecilho da surdez, uma espécie de angústia pesava sobre seu ombro, impedindo-a de continuar firme. Não se sabe o motivo exato, sequer o momento, mas os carinhos entre meus pais foram rareando. De início, apenas um beijo na testa. Aos poucos, imperceptivelmente, eles já não se tocavam. Tinham ainda mais dificuldades em conversar. Meu pai se irritava quando, às vezes, minha mãe não compreendia o que ele dizia, quando seus lábios eram, para ela, incertos. Exasperava-se, também, quando sua mulher não controlava o tom da própria voz. Não havia mais o desejo dos corpos.

E assim o casamento definiu. Lembro-me quase perfeitamente do dia exato do fim. Eu tinha oito anos quando meu pai foi embora. Pela fresta da porta do meu quarto, eu o vi saindo porta à fora. Carregava uma mala nos braços e, em sua face, a exaustão acumulada por anos. Ou melhor, a decepção com o que a vida lhe oferecera por engano. A união entre os dois havia acabado, juntamente com as poucas palavras da minha mãe. Não houve um preparo; simplesmente, como se tivessem secado em sua boca, minha mãe deixou de usar as palavras. Com o divórcio, o silêncio voltou a habitar a nossa casa ainda com mais força. Era como um protesto vazio e mudo contra as agruras do mundo, contra a nova perda que se erguia. No fundo, se fosse para retirar das mãos de minha mãe tudo o que foi duramente conquistado, era melhor que o mundo nunca tivesse lhe dado nada. Porque desde esse dia, a partir do instante em que meu pai nos deixou, com todos os meus gestos, olhares e sons, que ameaçam arrastar-me dentro de um abismo, esforço-me para dar corpo à voz da minha mãe. Sou sua voz porque, com a garganta seca, ela se recusa a falar.

42.

O câncer matou a minha avó. Em seus últimos dias, quando o caos já se infiltrara completamente em sua pele, em suas vísceras, minha avó recusou-se a aceitar a metamorfose que havia sofrido. Ela cerrou os olhos de vez, não se mexia, e apenas respirava lentamente. Enquanto estive no escuro, por dois dias intermináveis, não sei se ela sentiu fortes dores ou se, reduzindo a sua existência ao vazio, sua cabeça já havia se desligado do que restava do corpo. Certo dia, porém, num domingo de páscoa, no instante em que minha mãe fazia crochê, sentada na beira da cama, o cenário mudou. Numa paz infinita e incompreensível, foi interrompido o vínculo da minha avó com este mundo. E com ela, de vez, foram embora todos os segredos da minha família.

Ainda hoje, tempos depois, em seu silêncio obstinado, ainda vejo, às vezes, algumas lágrimas nos olhos da minha mãe. Como se o mundo lhe tivesse feito outro mal, como se algum arranjo do destino pudesse ter evitado a morte de sua mãe, ela nunca superou as despedidas que teve que viver. De certa forma, penso, minha mãe também morreu no mesmo instante em que minha avó se foi. Ela permanece intacta,

mas seu interior já não pode mais ser salvo. Está corroído por uma clandestina enfermidade sem cura. Seu corpo permanece sentado no sofá, iluminado quase sempre pela luz amarela de um abajur de cerâmica. Deprimida, força a visão para enxergar as letras miúdas dos livros que a acompanham diariamente em sua solidão. Com a pureza de uma criança, ela passa os dias no quarto abafado, onde lê sem cessar. Ainda assim, isso não é estar viva. Mais cedo ou mais tarde, sem desviar o curso do destino, imagino que toda sobrevivência se extinguirá e, em paz, minha família retornará ao pó. Porque a vida fora do romance é alheia a mim, e não posso saber por mais quanto tempo minha mãe poderá suportar essa dor.

43.

Você poderia ter ficado aqui. Na noite em que, invisível, você foi embora, como num misterioso jogo de coincidências, sonhei que o telefone chamava incessantemente. Estávamos, nossa avó e eu, sentados no sofá da sala de nossa casa, como se tivéssemos recuperado o passado. Como de costume, enquanto ela falava, sua mão direita cobria a minha. Ela recontava histórias antigas, repetidas, narrava a vida da jovem que, para não morrer, enganou o sultão, tornando-se sua narradora particular durante mil e uma noites. Foi uma experiência onírica, muito real, eu diria. Eu conseguir enxergar de perto a sua pele, já bastante envelhecida, podia sentir a textura ressecada das suas mãos. Admirar o tecido antigo derrubar as suas pálpebras. Apaixonei-me por sua imagem.

Diferentemente de quando ela estava realmente aqui, no sonho nós éramos muito próximos, quase íntimos. Não vivíamos mais presos a um passado sufocante, agora o orgulho e o mal davam uma trégua entre nós. Conversávamos sobre muitos assuntos, dos quais não consigo me lembrar. Éramos felizes, sorriamos o tempo todo. Entrávamos em uma cadeia interrompida de conversas atropeladas, falávamos sobre coisas diversas, mas a capacidade da minha memória de reter sonhos não me permite traduzi-las agora. Ao nosso redor, a casa parecia continuar a mesma. Contra o desejo do fim, eu aproveitava o que, no fundo, sabia ser ilusório.

Estávamos seguros em nossa casa, neste lugar que você abandonou. Sem controle das ações, ao mesmo tempo que o espaço era o nosso lar, ele poderia vir-

a-ser outra coisa em poucos instantes. Sem razão lógica, o ambiente poderia começar a mudar, transformar-se em um local diferente, inóspito, como de fato aconteceu. Eu não reconhecia onde estávamos, não parecia ser mais a sala da nossa residência. Era um quadrado que diminuía paulatinamente, aos poucos estava minúsculo, quase como uma caixa sem saída. Inteiramente coibido pelo medo, assustado, virei-me repetidas vezes para os lados, mas nossa avó não mais estava aqui. Fui invadido, então, por um desassossego que nunca havia sentido antes.

De repente, numa sucessão de acontecimentos velozes e impensáveis, o telefone tocou. Como em uma odisseia que se iniciava, não a de heróis, mas a de entraves silenciosos com o acaso, como deveria sê-la, tentei sair correndo pela casa, atender a ligação. Paralisadas, minhas pernas não correspondiam aos meus impulsos. De frente para o aparelho que chamava, eu queria agarrá-lo com fúria e, por fim, saber quem estava do outro lado da linha, quem nos solicitava. De conhecer a voz de quem aparecia no instante em que eu me via sozinho numa casa claustrofóbica e silenciosa. De modo automático, como se existisse razão para isso, consigo correr e, dando respostas aos mais ínfimos estímulos de urgência, alcanço a mesinha de canto, onde se encontrava o telefone. Em um instante, por uma fração de segundos, havia novamente o silêncio. Com a mesma facilidade com a qual tocava, o telefone emudeceu-se. E então, com o susto pelo mistério, eu acordo.

Permaneço sem saber quem me esperava do outro lado. De mesmo modo, desconheço as razões para você ter partido sem nenhuma palavra em despedida. Por isso a dor vem de tão fundo, de outro lugar. Eu costumava acordar cedo quando você estava aqui, às vezes sentava no quintal, às vezes no chão da sala. Acendia um cigarro antes mesmo de fazer qualquer outra atividade, porque simplesmente era preciso morrer um pouco todas as manhãs. Pegava minha caderneta – cheia de histórias rasuradas, desenhos impreciso – e escrevia algumas frases para o romance, ideias de títulos, subtítulos desconexos. Às vezes parágrafos inteiros, capítulos inconclusos, registros dos meus sonhos antes que a lembrança desaparecesse para sempre. Esses momentos, para eximir-me do peso das respostas, não deveriam fazer parte desta história. Mas os convoco à memória, porque não sei o momento exato em que você sorratamente partiu. Fomos dormir juntos, no mesmo quarto, na mesma cama. Lembro-me do toque dos seus pés, da sua respiração. Quando abri os

olhos, você não estava mais aqui, o que retirou de mim o traço de felicidade que minuciosamente eu havia arquitetado com uma régua.

Você fugiu sem avisar. Estávamos novamente distanciados na geografia. Quando acordei, mais uma vez antes do dia clarear, seus pertences não estavam mais aqui. Dei voltas pela casa, busquei um bilhete, talvez uma carta, um recado na caixa-postal do meu telefone. Alguma explicação para que você separasse nossos corpos outra vez. Não sei se existiu um consenso depois do seu pequeno retorno, mas creio que estávamos nos reconstruindo sobre o mesmo solo. Aos poucos, de fato, mas nos reerguíamos. Já se passou algum tempo, e tantas conclusões precipitadas, respostas imprecisas para seu abandono arruinaram as possibilidades de recriar nossa história neste romance, que, certamente, você nunca lerá. Por isso, não suporto pensar que, depois de me levar quase à loucura, após me provocar com seus mistérios irresolutos, você partiu sem dizer nada. De que, afinal, você tinha tanto medo de viver ao meu lado?

Estou agora no meio da sala. A existência de nossa avó é tão forte que, enquanto escrevo, sinto sua presença, como se ela estivesse aqui, sentada ao meu lado. Então, aproveitando sua potência, redijo esta carta sem saber para onde enviá-la. Escrevo esta mensagem porque nunca pensei e escrevi tanto como tenho feito nos últimos dias. Estou sentado no chão, pensando nas possibilidades de nós dois. Pensando em seu corpo. Pensando sobre nosso contato, sobre o seu silêncio. Pensando principalmente no seu passado, na desordem que você causou por aqui. Pensando nas marcas do seu corpo. Cicatrizes, queimaduras, chagas, uma história que desconheço. Sem sorte, não encontro sequer uma pista para seguir para ir ao seu encontro. E como não há uma trilha, pretendo um dia me levantar destas tábuas corridas e também partir, evitando mais deduções. Você se foi sem deixar rastros. E foi uma espécie de loucura estar nesta casa com você. Em um instante, você captava toda minha atenção, com seus olhos travessos e atentos. Em outro, sem que eu percebesse, você sumia, esmigalhando a trama, desfazendo toda esperança que ressurgiu em mim quando nós nos reencontramos. Você havia desaparecido, sumido, sem ao menos olhar para trás. Sem olhar para mim.

De algum modo, a matéria da sua existência parece nunca ter passado por esta casa. Não sei até que ponto você existiu ou se fui eu quem, em meio às minhas loucuras, inventou o seu corpo. Sua presença era silenciosa, invisível, como de fato devia sê-la depois de tanto tempo afastados de nós mesmos. Apesar disso, era a sua presença que de algum modo estava aqui. E isso bastava para mim. Talvez nada do que eu lhe escreva tenha alguma valia, mas saiba que esta porta estará sempre à espera da sua volta. Sem trancas, sem chaves, sem empecilhos – entre sem pedir licença, sem me chamar do outro lado do vão da porta. Porque o desejo de viver ao seu lado, meu irmão, é algo a que não posso renunciar. Pudessemos, eu abandonaria esta casa, esta espécie de bolha, deixaria tudo para depois e dedicaria por completo os meus dias a ir a seu encontro. Algo se conjugou para nos separar, mas continuo ciente de que é da sua existência que eu verdadeiramente preciso.

44.

De vez em quando, em momentos oportunos da escrita, vem-me à memória a imagem dos sapatos que, todas as noites, calçavam os pés da minha avó. À medida que os enigmas preservam-se em minha mente, recai em mim o peso de respostas das quais me censuro. No entanto, arrastando a caneta de uma ponta a outra do papel, atesto que minhas palavras começam a rarear, a coisificar-se, a apenas referenciar o passado. Passo noites enfadonhas lendo o que já escrevi e, no limite do caos, incapaz de me estender, aceito que o romance se aproxima do mim. Se em vida nada me foi esclarecido, neste texto houve o espaço-tempo propício para criar origens e rumos para o escuro da história dos meus ancestrais.

Não posso temer o que eu mesmo criei até aqui, mas, assumo, atribuir desígnios a certos costumes da minha avó me arrebatam com uma força espantosa. Enterneço-me, em vários momentos, ao lembrar do seu comportamento incomum de dormir de sapatos, sobretudo ao imaginar a impossibilidade de ela aceitar que suas raízes, em outro lugar, haviam se findado. Se nas ações cotidianas era inevitável que ela se desligasse dos seus hábitos mediterrâneos, que ao menos fossem expostos os esclarecimentos para suas gestos secretos e duradouros, vindos de além-mar. De sua juventude ao nascimento não se há detalhes concretos. E, ainda

que me fira de modo contundente, preciso aceitar que certos segredos nunca poderão ser ditos em voz alta.

Em certo sentido, parece que se impõe a mim, nesta narrativa, a tarefa de dar uma roupagem mais concreta à existência da minha avó. Como um golpe desferido contra a verdade, o que suponho como origem para os sapatos presos aos pés me corrói por dentro. Ecoa nesta casa, muito ao longe de mim, a voz melodiosa e triste de minha avó. Nunca diga tudo que sabes, porque quem diz tudo que sabe, na maioria das vezes, sem se dar conta, acaba revelando tudo aquilo que não convém. Nunca segui seus conselhos. Então decido: o esforço de dormir de sapatos era uma ameaça de vida, que, embora marcada em outro tempo, não deixava de assombrá-la. Minha avó dormia de sapatos todas as noites. Deitava com calçados porque precisava estar sempre pronta. Era vital permanecer sempre em estado de alerta, preparada para fugir, tentando manter-se íntegra e viva em meio ao caos dos homens. Quando era criança, durante a guerra, quando os malfeitores invadissem a sua casa e saqueassem os seus pertences, ela já estaria a postos para fugir, antes de ser morta pelas mãos do inimigo. Firme, sem olhar para trás, ela precisava estar alinhada para ir embora sem rumo, sem bagagem, sem poesia na boca.

Não posso medir o infortúnio pelo qual ela pode ter passado. A força de certos acontecimentos ecoa perpetuamente. Deles, sei que não precisarei mais me lembrar. As catástrofes não devem ser esquecidas; ao contrário, apenas não devem ser lembradas. Por hora, costuro a história de minha avó: o trauma da guerra, a perda para sempre não esquecida. Fugir da morte, sair do seu país, esquivar-se dos abusos, embarcar no fundo escuro de um navio, ir rumo a outro continente, recomeçar a vida do zero. Neste fim de romance, essa personagem já parece muito cansada, de mesmo modo como também me encontro. Posso ver de perto sua imagem, os sobressaltos da trama demoram a sair do seu corpo. Coloco-a num espaço escuro, no lastro de uma embarcação. Esforço-me para que, assim como seu corpo, a escrita mantenha-se em um estado no qual as forças que sobre ela agem se contrabalanceiem e se anulem de maneira mútua, permitindo-a, enfim, descansar sem sustos. Decido que esta é a marca que explica sua insistência em manter tantos costumes, tantos provérbios, e, sobretudo, tanta vontade de retorno. Esse é o fim

que escolho para sua trama. Esta é a explicação que basta até este ponto. Entretanto, ainda que previamente finalizado, o romance não pode terminar aqui.

45.

De repente, atravessou o meu corpo um súbito desejo de ir embora. Parecia-me o momento certo para partir. Digo alguma coisa a mim mesmo, tentando, em vão, convencer-me de que ainda haveria o que ser encontrado escondido nas paredes da casa, que, àquela altura, já não era mais minha. Em parte, estava muito claro, eu poderia permanecer por mais algum tempo habitando o espaço a mim destinado, mas isso seria continuar equilibrando-me à beira do precipício, respirando um ar rarefeito. Com a possibilidade de ida, finalmente eu me sentia vivo, consciente de que tinha descoberto o suficiente para o livro. Assim, caminhei para o quintal, corri para fora, esquecendo-me das perguntas sobre meu passado. Abandonei todas interrogações que ainda poderiam ser respondidas debaixo do teto povoado outrora por meus familiares. Era como se eu tivesse chegado a um ponto onde não era mais saudável continuar apenas sobrevivendo ao passado, com a vida ensimesmada aos mistérios, aos traumas, aos rancores.

Diante da porta, estendi a mão para girar a maçaneta, conferir se estava trancada. Não havia mais fechadura. Observada de fora, pude compreender que as entradas desta casa não poderiam ser fechadas nunca mais. Atrás das paredes, já não existem mais vidas. No momento em que ultrapassei o cerco de discrição erguido por minha família, provoquei o despedaçamento de todos os personagens que naquele chão já haviam pisado. Espalhei minha história numa dinâmica de falseamento, num jogo de forças em atrito que, feito flores ao vento, dispersou o que seria a verdade de um passado que, agora, não me causa mais remorso. Depois de mim, a casa ficou vazia, como se agora pudesse habitar nova gente, testemunha concreta de outras tramas. Se esse espaço pudesse falar, se conseguisse narrar evidências, que parte dos meus antepassados revelaria? Prefiro crer que uma casa jamais revela a si mesma. Quando nada contém, é antes um entreato, uma vírgula – intervalo que prevê continuidade, tomada de fôlego a fim de que, posteriormente, possa se tornar o cenário de outras histórias, um desejado porvir.

46.

Depois de tudo, reconheço que quem escreve fragmentos de memória não pode deslocar-se das tramas da fabulação. O que emerge, no ato da escrita, é uma constelação de registros, resgatados do passado no turbilhão de desejos do presente, contagiando-se pela energia que a tarefa exige. Preso ao jogo mental ou exteriorizado, em letras no papel, o conhecimento das vidas que nos antecederam é sempre uma recriação de tempos perdidos, só resgatáveis como um romance. Por essa razão, meu equívoco foi desafiar minha consciência na busca de respostas exatas que, desde o início, eu suspeitava não poder encontrar.

As perguntas da esfinge – esteja-se consciente disso ou não – são realmente tudo aquilo que não se pode decifrar. E, vendo que também não é mais possível fugir ou desistir do que se impõe, imagino qual será o desfecho deste romance agora que tenho consciência de que os acontecimentos se esgotaram em si mesmos. Custei muito a reconhecer meu esforço em vão – sei que se continuasse a escrever, amarrado à vontade de traduzir em verdades todas mensagens cifradas que encontrei, o texto morreria em poucas páginas. Nos últimos dias, redireciono meus esforços para conhecer mais do meu próprio gesto de escrita, conhecer novas linguagens. Durmo em noites claras, acordo em dias nublados. É tempo de abrir as janelas da casa, inteiramente vazia, livre de fantasmas. É tempo de permitir que o desejo de expansão da vida acabe com esse silêncio insuportável.

Olhando para o que experimentei nos últimos meses, vem à boca o gosto forte e agradável que a ficção possui. Apesar disso, relendo todas as páginas agora, penso que, sem me dar conta, posso ter dedicado atenção excessiva a assuntos secundários. Admito que atravessei com coragem os descaminhos deste texto. Jamais poderia acreditar, no início do processo de escrita, tantos parágrafos atrás, que eu conseguiria terminar a narrativa a que me propus. Nunca imaginei que, em um momento impreciso do percurso, mais do que o ato de recuperar o tempo, a força que me moveria seria minha própria possibilidade de estar escrevendo. Pálido, trancado em casa há tantos meses, tudo que precisei vivenciar nos últimos tempos

foi intensa uma travessia no escuro mar da linguagem, uma experiência de autoconhecimento, de ressignificação.

Pode ser que alguns não compreendam o que é nascer em uma família que se confronta com a língua desde o seu cerne. E ainda mais quando a linguagem da literatura acaba tornando-se o único lugar possível e saudável para recriar um passado que me fora negado. Seguindo em frente, rumo a outras histórias, este romance é uma virada na vida, um trabalho que se assumiu no desejo. Porque escrever esta ficção foi, sobretudo, uma possibilidade de reinvenção da minha própria língua. Sei que ainda podem haver questões a serem respondidas. Através das camadas das palavras, o que fica oculto na minha história é o que verdadeiramente a constitui como tal. E sobre o inacabamento do passado, de agora em diante, nada mais poderei responder.

47.

Franz Kafka estava profundamente certo quando afirmou que o caminho da verdade segue por sobre uma corda, que não está esticada no alto, mas que se estende quase rente ao chão. Esse fio, aparentemente, está mais determinado a fazer tropeçar do que a facilitar o trânsito. Caminho, neste romance, como um peregrino numa travessia contígua à terra. O que realmente importará, ao fim e ao cabo, não é a exatidão de tudo o que digo, mas sim quanto tempo em pé sobre a corda pude permanecer. Tudo isso, de modo obstinado, a fim de reinventar aquilo que, nas linhas bambas do texto, decidi eleger como minha verdadeira história.

Desfecho

Se existe um momento exato para recomeçar um plano, este instante solicita um ato de coragem e lucidez. O que tomará corpo neste desfecho, nisto que até aqui se tornou um confinamento no passado, não será mais um dispendioso esforço para fazer girar as engrenagens enferrujadas da memória. Neste lugar, não caberá mais a perseguição da matéria viva, tampouco o empreendimento exaustivo de libertação de uma verdade retida numa frase ou num diário perdido ou apenas inventado. Já não quero desvendar por que minha avó deslocou-se para o Brasil há

muitos anos. Já não tenho o desejo de decifrar o que foi dito por ela, num sopro árabe e seco, antes de morrer. Deixo ao passado estritamente o que compete a ele.

Desta frase em diante, eu poderia abandonar o romance. Poderia arrancar as folhas da lombada do caderno, jogá-las janela afora, espalhá-las ao vento. Mas como posso reprimir o desejo de escrita que me atravessa e, de tão incisivo, consome o meu dia? Não posso recriar meu passado com exatidão, bem como não devo continuar preso a verdades desconhecidas. Quero, então, neste ponto, aprender a escrever melhor. Compreender conscientemente as artimanhas das palavras, conhecer as faces desta arte de escrita inventiva. Quero um estilo, uma caligrafia própria. Por essa razão, venho sendo regido pela vontade de adquirir o manejo de uma escrita outra, que, encarando-me diretamente nos olhos, convoque-me ao mergulho na linguagem.

Quanto mais avanço nestas linhas finais, à medida que despojo minha força neste gesto lúcido de aprendizagem de um discurso outro, mais atesto que o propósito primeiro se perdeu. No entanto, foi preciso a perda para que a trama, já gravada de línguas em confronto, de silêncios eloquentes e palavras mudas, alargasse o horizonte diante de mim e me obrigasse a fixá-lo no final. Com isso, fui deixando, pouco a pouco, de juntar os casos do meu passado. Logo depois, bruscamente, cedi ao desejo intenso e solene de afiar a ponta do lápis com o qual escrevo este discurso e, por fim, reconhecer que o propósito não é outro senão o de conquistar a palavra escrita. Foi um primeiro romance, um primeiro gesto literário, uma força que me empurra e não me permite parar.

No propósito firme de continuar escrevendo, fui forçado a despachar para longe de mim a crença em resgatar a história de gerações passadas da minha família. Quando me dei conta dessa necessidade, eu já estava sendo conduzido no fluxo do texto. Meu corpo já se deslocava para o espaço virtual onde exercitar a escrita e forjar um estilo constituem as ações necessárias, urgentes, as únicas possíveis. Este trabalho ficcional tornou-se, então, uma questão de sobrevivência. Se permanecem ainda segredos em relação ao pouco que minha avó e eu compartilhamos em vida, se ainda se mantém ocultos os anos em que seu corpo caminhou pelo chão do

mediterrâneo, se o diário continua perdido dentro de uma casa antiga, as palavras que registro neste espaço-tempo não dizem mais respeito a isso.

Quando disponho sentidos e inteligência no trabalho inventivo da escrita, não mais recupero perdas. Ao contrário, com minha vontade persistente, reconfiguro os resíduos da trajetória passada de minha família. As imagens, que gravo nestas páginas, captam a energia tão poderosa em minha avó, certamente também em seus ancestrais. Então, durante um tempo, acreditei que negligenciar a reconstrução do meu passado seria uma falha indesculpável, um desrespeito com a memória da minha avó, que confiou em mim para mantê-la viva de alguma forma. Porque nós costumamos nos esquecer da existência dos mortos alguns anos depois que eles se vão. Depois do período marcado pelo luto, deixamos de pensar neles com constância, paramos de visitar os seus túmulos e, assim, pouco a pouco, a memória vai substituindo por outros os vestígios de uma existência que, infelizmente, já não se afirma mais.

Insisti por meses na busca da verdade até que, num determinado momento, percebi que a escrita me conduzia para um lugar outro. Levava-me para um espaço onde conhecer o próprio ato de escrever era a questão mais lícita e importante para mim. Talvez essa tenha sido a verdadeira herança deixada por meus ancestrais. Aos poucos, fui-me ancorando num gesto escritural onde se dissipou a expectativa de que a memória trouxesse a verdade dos fatos passados. Eu me dei conta de que não estava mais sendo movido pela vontade de recriar as lembranças do que eu havia visto ou que, em outro tempo, haviam deixado de me contar. Eu queria mesmo aprender, cada vez mais, a fazer literatura.

Neste romance, eu quis, enfim, conversar com minha mãe, ser olhado por ela, ser ouvido verdadeiramente. Para que a tristeza da solidão não me tornasse seco, para que meus impulsos não ficassem presos numa casca, dediquei todo o meu tempo a este lugar da invenção, ou, como quiserem, a este espaço que agora chamo de lugar da aprendizagem. Escrevi fragmentos inconclusos da minha vida como se fosse um romance. E com esse pretexto, acabei por me apaixonar pelas artimanhas da escrita por meio da minha vivência com o texto; por meio da sensibilidade de

segurar a caneta e rascunhar o papel. Escrever não é apenas inspiração, é trabalho. E, por essa razão, é preciso sempre aprimorá-lo.

No abandono da minha própria noção de verdade que não buscarei mais a descoberta dos enigmas da história dos meus familiares. Ao contrário, procurarei exaustivamente um caminho para conhecer e explorar as potencialidades da palavra e da ficção. Experimento, aqui, o ato de aperfeiçoamento do estilo, da minha sintaxe, do meu léxico. Quero encontrar um modo de dividir os capítulos, organizar meus lampejos de ideia com mais precisão e certeza do que faço. Por tudo isso, arriscando a minha própria sanidade, farei deste espaço, mesmo que próximo do fim, o lugar onde o verbo possa ultrapassar os limites impostos pelo meu passado. Talvez, assim, eu possa sobrepujar as barreiras construídas pela minha história habitada de silêncios e de enigmas.

Com o avanço dos capítulos, sinto que a história que inventei, posso assim dizer, é ainda mais viva do que a que existe fora do texto. Dos corpos envolvidos neste romance, eu quis aproveitar todas as possibilidades de definir suas ações e personalidades. Se quem me lê procura ainda as antigas verdades que me propus a desvendar, se não aceita este novo pacto que proponho, peço que corra os seus dedos pelas páginas e arranque-as. É melhor abandonar a trama neste momento. Largue-a para que não se sinta conduzido a uma armadilha e, num gesto inesperado, acuse-me de deslealdade. Esteja livre para libertar-se destes papéis e rasgá-los a seu modo, fazer deles o que bem lhe aprouver. Digo isso porque este novo acordo prevê que, juntos e sem tropeços, aceitemos que toda linguagem é suspeita. É sempre o falseamento de uma verdade, que, por sua vez, permanecerá como um ininterrupto fluxo de ressignificações.

Confessei-lhe quase todas minhas vontades. Escrevi, pois, à maneira de um sujeito que concatena e rememora os fatos vividos à luz da fabulação. Escrevi, de modo exaustivo, por vezes sem fôlego, tentando inflar os pulmões a fim de gritar com a mais íntima excitação todo o passado que eu nunca conheci. Escrevi em rompantes, em redemoinhos, num desafio de respiração, sobrevivência e escrita. Escrevi feito um louco, às vezes escuso, exasperado, reiterativo, conduzindo de modo trôpego o meu discurso para que se retroalimentasse em suas próprias

palavras. Depois, continuei insistindo neste experimento de escrita ficcional a fim de que ele se expusesse em todas as suas dobras e vísceras. Escrevi, aliás, porque só consigo olhar diretamente para o meu corpo e encarar de frente a história da minha família através da imagem mentirosa que as minhas retinas cor-de-avelã criam para o que enxergo. Escrevo, enfim, porque é a partir destas palavras inventadas que encontro o início de mim mesmo.

Esta narrativa caminha para o fim, assumindo o desejo que a tornou irrecusável. Expondo-se à vontade de alguém que, na ficção, na sua própria ficção, quis desterritorializar-se de si mesmo e, de longe, projetar-se em sua própria cena. Veja bem: na trama deste romance, retornei à casa de minha avó, aceitei uma herança imposta, desloquei-me na poeira de tempos idos e iniciei uma escrita ficcional acreditando que iria abrir as portas de um passado ou, quem sabe, descobrir se haveria uma porta a ser aberta, como num romance que tantas vezes li. De certo modo, agora entendo, debrucei-me sobre este trabalho de ficção porque, inevitavelmente, o enigma me fascina e, ainda que corrosivo, espraia-se por meu braço direito. De fato, permanece o mistério sobre as forças da escrita e do passado, e aceito que não será decifrado por mim. De mesmo modo, não farei com que os segredos que inventei sejam convertidos em revelações pragmáticas no fim da trama. Se eu descobrisse o enigma da esfinge, se isso realmente fosse possível, teria atingido o fim. E como toda conclusão é uma espécie de morte, espero que, ainda vivo, nas linhas deste texto, eu seja integralmente devorado pela força avassaladora e poderosa das palavras.

Pós-escrito

Finalizo a história. O romance chega ao fim. Honestamente, confesso, concluo-o antes de qualquer outro movimento porque, finalmente, tenho forças e consciência para considerá-lo concreto. De modo igual, seria apropriado dizer que termino, neste exato instante, a escrita desta narrativa porque precisava lhe pôr um fim urgente, o ponto final já me clamava. Se eu continuasse narrando, correria o risco de não falar no vazio, numa casa de ecos. Então, para que outro silêncio não se abatesse sobre meu corpo, arremato a estória. E basta: qualquer uma dessas justificativas que exponho agora pode ser suficiente, ainda que imprecisas. Às

vezes, algumas respostas exigem segredo. Avistando um futuro que se ergue ao meu alcance, em outra ordem, denegando um corpo feito de ascendências, como um subterfúgio, cultivo uma saída onde não há mais retorno.

Para escrever este romance, foi preciso que eu aprendesse a entoar uma voz outra, constituindo um acorde um pouco diferente do que eu já havia produzido até então. De fato, nunca escrevi literatura. Justamente por isso é que preciso compreender, neste momento, o que verdadeiramente me inclinou a trocar a posição de leitor pela de escritor. O que me fez me deslocar até uma história antiga e abrir mão de toda regularidade de uma escrita sistemática em função de mergulhar na dimensão inventiva e desconhecida de um romance obstinado. Por que – em um sentido que se projeta de dentro do texto para fora – persisti tanto em encarar de frente a história da minha família, tomar as rédeas do passado e inventar uma existência ficcional? Por que, afinal, eu não desisti no momento exato em que, num estalo, no confronto com a linguagem, o silêncio suspendeu minha escrita, rejeitando suas expectativas?

Reflico constantemente sobre o percurso do meu trabalho. E não nego que, em mim, continua aceso o desejo de enxertar mais um ou dois capítulos neste romance previamente concluído. Tenho a sensação de que os meus personagens ainda podem caminhar e envelhecer um pouco mais. O que eu digo pode soar bastante insensato, eu assumo o risco, mas o que preciso aceitar é que tudo que foi criado, em meio aos meus delírios, talvez seja algo perfeitamente alheio a minha vida. Consciente dessa razão, creio que, no fundo, também foi o apelo da saúde que me fez concluir este trabalho, a fim de que eu não acabasse, em pouco tempo, amarrado em uma camisa de força.

Nos desvios e possibilidades da escrita literária, ainda não me sinto verdadeiramente um escritor – muito embora eu tenha concluído um livro. Neste romance, precisei ser mais ator do que escritor, creio eu. Menti deliberadamente porque a memória é o lugar da invenção. Quem empreender a leitura de todo o meu texto, na ordem em que o dispus, entenderá o que quero dizer. Mas, confesso resignado, a ordem não importa. Não sou nada além de um sujeito que, nesta espécie de posfácio, confrontando-se com a pergunta sobre qual o motor de minha escrita,

retorna com outras questões. Por que não inventar uma vida que não tive? Por que não arriscar? No princípio do texto, lembro-me claramente, eu escrevia para preencher certos vazios afetivos. Desejava garantir a permanência daqueles que amei, fixando sua imagem viva pela arte da escrita ficcional. Se a literatura confronta-se com a morte, como não escrever?

No curso do romance, imperceptivelmente, meu horizonte tornou-se uma questão de criar com religiosidade para possuir o domínio da palavra escrita, alcançar um estilo particular. Observo-me, depois do desfecho, ainda um tanto confuso e, sobretudo, confinado ao enredo que concluí. E o que me resta, a partir de agora, é a consciência de que, quando voltar a este romance como leitor, serei, com certeza, um outro: nem a personagem a que as palavras deram corpo, nem o menino empenhado no confronto com sua avó para fazer-se dono de seu destino. Lendo trechos da minha escrita, soprada pela vontade incontável de enfrentar o desafio da linguagem, torno-me aquele aprendiz que, a cada frase, ganha um pouco mais de sabedoria e astúcia. Se as palavras estrangeiras ainda me ameaçam, se o fantasma do silêncio ainda me persegue, se as significações múltiplas são armadilhas, fortaleço-me porque essa espécie de loucura lançou-me na luta.

Desde que imaginei como seria o último capítulo da romance, tenho pensado bastante sobre o saldo da minha escrita. Chego rigorosamente a mesma conclusão: apesar de alguns mapas e bússolas, minha escrita se deu majoritariamente em uma experiência de desorientação. Confesso que, para mim, escrever implica perder a direção no percurso. Ser lançado, a cada palavra, em um lugar desconhecido. Caso não seja assim, se for tudo com muita segurança, não encontro muito sentido em enfrentar o vazio do papel. Faltaria o risco, a dúvida. Levado por essa ideia, acabei me perdendo dentro da minha própria casa e, inclusive, dentro de minhas memórias. Precisei abrir gavetas antigas, caixas empoeiradas, revirar o passado sem saber o que encontraria nele. Nessas ações, à medida que as palavras foram se impondo a minha mão, a história se tornava mais sólida, mais palpável.

Foram etapas muito dolorosas. O que de fato aconteceu talvez nunca tenha sido o mais importante. No fim das contas, o fingimento honesto, a encenação de si, a renúncia da verdade factual em cenas teatrais acabou por expor as vísceras de

um corpo ulterior, uma face de mim menos visível, na qual há mantém-se a respiração vital da minha escrita. A narrativa só se concretizou porque parte das minhas lembranças foi inventada com um propósito específico, de que só me dei conta no desfazimento do emaranhado de minhas convicções, no curso do trabalho. Poderia ter sido escrita de modo mais leve, talvez, com mais humor e malícia. Entretanto, minha introspecção conduziu-me a uma região onde a mudança de linguagem não estava ao meu alcance, restando a mim apenas aceitá-la. Como se fosse um romance, este texto existe do modo com o qual encaramos pois cada uma das etapas do percurso potencialmente me desorientou. Falo, claramente, de uma experiência afirmativa e saudável de desorientação, sobretudo porque esses descaminhos da escrita me empurraram para a frente, palavra a palavra, sonoridade a sonoridade, desviando-me de cair em outros infindáveis abismos do silêncio.

4

Parte três: uma espécie de epílogo,

Nosso pacto termina neste ponto. Este texto, não é mais somente meu. Bem verdade, creio que, integralmente, nunca foi ou será. Tudo não passou de um período de fascínio vivido por alguém que, num primeiro salto, enveredou pela trilha da escrita literária e, sobretudo, da invenção. Esta narrativa que criei, cujas etapas de construção correspondem ao enfrentamento dos desafios de pensar escrevendo literatura, não se projeta apenas como o resgate imaginário da história dos meus antepassados. De braços estendidos, agarrei a experiência de registrar o itinerário de confrontos contínuos com a linguagem percorrido por um sujeito que desejava literatura e, principalmente, queria construir-se através da literatura.

Conduzido pelo desejo, sou um indivíduo que quis escrever sua própria história, a fim de experimentar o texto como fetiche, dando-me conta de que esse fetiche também me deseja. Minha estória, porém, rebelou-se contra um desfecho conclusivo. É mais salutar, desta espécie de epílogo em diante, imaginar o que bem quiser. O enredo ainda está em curso, ainda que em silêncio depois do ponto final. E, por sua vez, o narrador continua conduzindo seu corpo em desorientação, um projétil que se arremessa não mais para ferir, apenas para afetar. Pelo bem da saúde, este romance tornou-se um mediador: ao narrar suas tramas, tomei consciência do estado de devir-linguagem pelo qual passava, em todos seus componentes e singularidades. Mesmo, em princípio, com uma postura relutante, repleto de reservas críticas, entreguei-me ao desejo de ser ficção. Esta pulsão violenta que invadiu minha pele, inscreveu-se, aí, como tatuagem, apoderou-se dos meus dias e, enfim, impôs-me escrever.

5 Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **A Preparação do romance**. Da vida à obra. v.1. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O Rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço literário**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Círculo do livro, 1975.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LEVY, Tatiana Salem. **A Chave de casa**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MÃE, Valer Hugo. **O Filho de mil homens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANT'ANNA, Alice. **Rabo de baleia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

WILLEMART, Philippe. "Como se constitui a escritura literária?". In: ZULAR, Roberto (Org.). **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

6 Bibliografia complementar

Esta seção se compõe como uma bibliografia teórico-afetiva. Por tratar-se de um romance-dissertação, que aborda o registro das reflexões e das etapas que envolvem o processo de escrita artística, o percurso de investigação em fontes teórico-críticas ocorreu de modo concomitante com o momento escritural da narrativa literária. Por outro lado, partindo do desejo de criar novas significações e afetos através da contaminação entre os pensamentos acadêmico e artístico, obras ficcionais e escritos de artistas também foram intercessores fundamentais para a realização deste experimento. Com essa metodologia de pesquisa, tornou-se possível utilizar o espaço do texto como local de pensamento em curso sobre a produção de escrita literária na contemporaneidade.

AGAMBEN, Giorgio. **A Ideia da prosa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BARTHES, Roland. **A Preparação do romance**. A obra como vontade. v.2. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Fragments de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLANCHOT, Maurice. **A Conversa infinita**. A ausência do livro. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **O Livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O Trabalho da citação**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Nova Fronteira, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GARDNER, John. **A arte da ficção**: orientações para futuros escritores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

KAFKA, Franz. **28 desaforismos**. Santa Catarina: Ed. UFSC, 2010.

KLINGER, Diana. **Literatura e Ética**. Da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LAUB, Michel. **O Diário da queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEVY, Tatiana Salem. **A Chave de casa**: experimentos com a herança familiar e literária. 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

_____. **Dois rios**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

_____. **Paraíso**. Rio de Janeiro: Editora Foz, 2014.

LISBOA, Adriana. **Rakushisha, a cabana dos caquis caídos**: releitura de um diário de Matsuo Bashō. 2007. 208 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

MARTINS, Socorro Edite Oliveira Acioli. **A Cabeça do santo**: uma experiência de escrita. 2014. 160 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2014.

MENESES, Adélia Bezerra. “Do poder da palavra”. **Remate de males**, Campinas, v. 7, n. 1-2, p. 115-124, jan./dez. 1987.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Claudio. “Do mesmo modo como queima o fogo ou Da Experiência como um saber que não se sabe”. In: KIFFER, Ana. REZENDE, Renato. BIDENT, Christophe (Org.). **Experiência e arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Circuito, 2012, p. 39-42.

PIGLIA, Ricardo. **Respiração artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Árabes no Rio de Janeiro** – uma identidade plural. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010 (Coleção Imigrantes no Rio de Janeiro).

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. São Paulo: Globo, 1995.

_____. **O Tempo redescoberto**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

RAMOS, Nuno. **Ó**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). **Literatura confessional**: autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROSA, Guimarães. **A Boiada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SAAVEDRA, Carola. **O inventário das coisas ausentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTIAGO, Silvano. “Epílogo em 1ª pessoa; eu & as galinhas d’angola”. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

_____. “Meditação sobre o ofício de criar”. **Revista ALETRIA**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 173-179, jul./dez. 2008.

_____. **Mil rosas roubadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras/Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SAWITZKI, Manoela de Paula. **Pele**: um modo de existência *crossdresser*. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Sueli Rios e. **Experimento de autoficção**. 250 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

VIDAL, Paloma. **Mar azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.